

Crise está esmagando a classe média

Decreto-lei
2.064
determina:
Salários menores
Impostos maiores
Casa mais cara
Mais recessão



Clarissa Veiga



Arquivo três por quatro

Páginas 9 a 12

Tradição
e vanguarda
na rotina
do Bom Fim

Página 3

**três por
quatro**

Porto Alegre, outubro de 83



Ricardo Pedão

Harmonia
do corpo
e grupo
estável
no Choreo

Página central

Comunidade
começa
a usar
sua força

Página 4

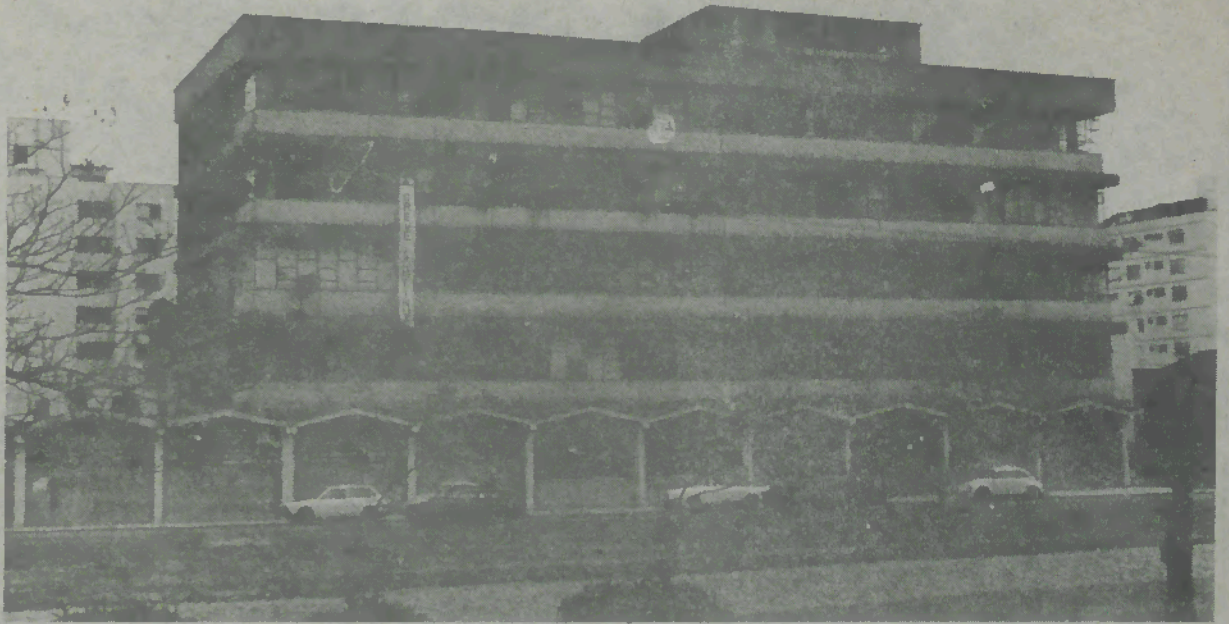
Opinião

A união faz a força. Você já deve estar acostumado com esta frase e, talvez, não lhe dê nenhuma importância. Mas numa sociedade como a nossa, onde os mais fracos são explorados, é necessário fortalecer-se através da união de todos aqueles que têm um interesse em comum. Cada vez mais os políticos decidem sem consultar o povo, ignorando os problemas reais que atingem as comunidades.

Através das associações de bairro, isto pode ser mudado. A importância de uma associação não se comprova apenas na luta pela regularização de um terreno ou na obtenção de uma creche para as mães que trabalham fora. Ela existe também no pedido de conclusão de uma rua; coleta de lixo diariamente, melhores condições de educação para as crianças, sinalização para o trânsito, controle dos preços e todos os outros problemas que atingem você e seu bairro. A associação é o porta-voz de suas reivindicações e, quanto mais ativa for, maiores as chances de melhorar as condições de vida.

Dentro deste processo de união e busca de soluções, nosso jornal se propõe a ser um veículo da comunidade. Não pretendemos resolver problemas, nem apontar soluções. Seremos apenas um instrumento de divulgação de idéias e propostas.

Nesta edição, por exemplo, você ficará sabendo como funciona o Serviço de Assistência Odontológica da UFRGS, como é feito o policiamento das ruas, o problema de segurança da rua São Manuel, o atendimento aos desabrigados no Albergue Noturno do Instituto Espírita Dias da Cruz. Também ficará sabendo como funciona o Arquivo Histórico, os corredores de ônibus e verá como é



feito o ensino da dança na Academia Choreo. Outros assuntos que você poderá ler nesta edição são a vida perigosa dos bombeiros e o fim do Cinema Castelo, que reflete um pouco a história do cinema.

Não fique de fora, participe, discuta, junte-se aos seus amigos e vizinhos. Forme a sua associação de bairro e venha até nós.

O jornal TRÊS POR QUATRO era, até agora, semestral, elaborado pelos alunos dos últimos semestres do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O TRÊS POR QUATRO pretende, a partir desta edição, trabalhar com os nossos vizinhos dos bairros Azenha, Santana, Bom Fim e Caminho do Meio. Procuramos, com isso, abrir espaço aos problemas, sugestões e novidades que interessam aos moradores desta área.

O jornal poderá ser encontrado, gratuitamente, em bares, lancherias, supermercados, escolas e associações de bairro.

Qualquer opinião, sugestão ou crítica, será bem recebida na nossa redação, que fica na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, rua Jacinto Gomes, 540, 3º andar, na sala 305.

CFE aprova um novo currículo

Nos primeiros dias de outubro, foi aprovado pelo Conselho Federal de Educação (CFE) o novo currículo dos cursos de Comunicação Social. Aceito por lideranças estudantis, o novo esquema prevê a existência de laboratórios com um mínimo de equipamento eletrônico, como câmeras de TV, mesas de som com seis canais, gravadores, câmeras de cinema e sala de projeção. Extremamente detalhista, o currículo prevê ainda quadro-negro, lanternas, pranchetas, carteiras, com tal minúcia que algumas conselheiras do CFE chegaram a estranhar as exigências.

O novo currículo mínimo terá uma base comum para todos os alunos, sendo matérias obrigatórias Sociologia, Redação, Realidade Sócio-Econômica e Política Brasileira, Teoria da Comunicação e Jornalismo Comparado. O profissional, ao formar-se, estará graduado com habilitações em Jornalismo, Relações Públicas, Publicidade e Propaganda, Editoração, Radialismo (rádio e TV) e Cinema.

Resultado de dois anos de debates e discussões, o novo currículo buscará suprir as deficiências atuais dos cursos de Comunicação Social, fornecendo aos alunos acesso à tecnologia moderna em setores praticamente inacessíveis até então, como cinema e televisão. A partir de sua aprovação pelo CFE, o currículo sofre um período de transição, de dois anos, em que as Comissões de Carreira deverão começar a implantá-lo. Podendo sofrer pequenas alterações, tendo em vista dificuldades ou interesses regionais específicos, a garantia de um mínimo de formação deverá trazer mais qualidade aos novos profissionais do ramo.

A garantia de que o novo currículo não passará de mais um bom plano para ficar engavetado é dada pelo próprio Ministério da Educação e Cultura, que, seguindo orientação do CFE, fechará os cursos que não atenderem às exigências.

Expediente

Jornal-laboratório dos alunos do sétimo e oitavo semestres do curso de Jornalismo Gráfico e Audiovisual da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Primeira edição do segundo semestre de 1983, elaborada pelas turmas das disciplinas de Laboratório Gráfico I e II, sob a coordenação do professor Carlos Salzano

Vieira da Cunha e orientação dos professores Aníbal Bendati, Luiz Carlos Vaz e Pedro Maciel.

Participaram desta edição:

Ana Cila Kaplan, Angela Gerst Ferreira, Cláudio Luis Carvalho Duarte, Elisabete Sofia Tubino, Fatimalei Lunardelli, Iara Beatriz M. de Mello, Iria Waleska Gautério Pedrazzi, Jorge Roberto Stehmann, Lígia de Azambuja Gomes Carneiro, Luiz Antônio Rocha, Luiz Mário Moreira Trindade, Marina Nunes Motta Pessin, Octacílio José Gonçalves Neto,

Ricardo Padão, Riograndino T.B. Alves Branco, Roselaine Wandscheer, Ronaldo Colares Saraiva, Rubens Lunge, Teniza Iara de Freitas Spinelli, Túlio de Oliveira Martins.

Chefe do Departamento de Comunicação:

Blásio Hickmann

Diretora da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação:

Lília Maria Vargas

Rua Jacinto Gomes, 540

Composição, montagem e impressão:

Gráfica UFRGS.

Bom Fim, um bairro de duas caras

À noite, tudo se transforma na Avenida Osvaldo Aranha: jovens de diversos bairros invadem bares e ruas do Bom Fim

Homossexuais, comunistas de todas as tendências, filhinhos de papai, bêbados inveterados, poetas, músicos, estudantes e desocupados, enfim, pessoas segregadas da sociedade seja pelas suas idéias, comportamentos ou dúvidas, vindos de todas as partes da cidade, perambulam na noite pelos bares do Bom Fim procurando um lugar para ficar.

O movimento no Bom Fim sempre existiu, só que foi mudando conforme o comportamento classe média do país. O Bom Fim boêmio do bar Fedor, na década de 50; o Bom Fim esquerdistista do bar Alaska, na década de 60; o Bom Fim de jornalistas, músicos e candidatos a intelectuais da Esquina Maldita, na década de 70. Agora, uma mistura de jovens atraídos por tudo o que o bairro representou ao longo das décadas.

O Bom Fim, à noite, é um aglomerado de pequenos bares espalhados pela Avenida Osvaldo Aranha e suas perpendiculares, que tornaram-se pontos tradicionais de encontro. Os bares abrigam o público dos dois cinemas, Baltimore e Bristol, dos shows no Auditório Araújo Viana e da Reitoria, das peças e projeções do Clube de Cultura e do teatro do Círculo Social Israelita.

O bar João, situado no mesmo quarteirão do clube Israelita e da Sinagoga, é o bar mais antigo do bairro, sucessor do Fedor. Pela manhã e à tarde reúne grupos conhecidos de cafezinho, velhos comerciantes e funcionários aposentados. À noite, tudo se transforma na Avenida Osvaldo Aranha.

Quando escurece, o movimento triplica aqui, diz Julio Tadeu Rosa Leite, proprietário do bar há quatro anos. Os fregueses do dia são sempre os

mesmos e eles vão embora por volta das seis da tarde. A partir daí, começa a aparecer muita gente, na maioria jovens.

O bar Lola, entre a Travessa Cauduro e a João Telles, é o tradicional "bar do homem que perdeu a chave". Manoel Loureiro, um português de 45 anos, é proprietário do bar há quatro anos e ficou tão assombrado com o sucesso que repentinamente assolou o Bom Fim, que resolveu manter as portas abertas para abrigar todos os clientes, em todas as horas.

E assim, enquanto houver gente bebendo no Bom Fim, este bairro será propício mais para a abertura de bares do que de qualquer outro negócio. Só nos últimos dois meses foram inaugurados três bares novos: Cacimba, na Osvaldo Aranha, Edgar Allan Porre e Kaliente na Rua Felipe Camarão. Sem risco algum de perder dinheiro. "Só com risco de vida", diz Valmor, funcionário da Lancheria do Parque. "Aqui se bebe 4 a 5 caixas de cerveja por dia, fora a cachaça. Mas o problema não é a bebida, nem os fregueses. O que preocupa a gente são as brigas da rua. De um mês para cá, estamos fechando a uma hora da madrugada, no máximo. Isto porque no mês passado, durante uma briga na rua, tivemos o toldo queimado e as portas danificadas. A partir deste momento, começamos a fechar mais cedo. Isto aqui é bom, mas para quem trabalha dá muita incomodação".

Já o bar Edgar Allan Porre, fuge um pouco deste "estilo boteco bonfianino". Luis Carlos Rodrigues e Nestor Herédia, proprietários do bar, criaram-no em função dos seus desejos como clientes. "Um bar gostoso, um bar para magrinhos meia-idade", diz Rodrigues ao se referir ao estilo da casa. "A entrada antiga era pelo lado, para atrair as pessoas interessadas e não o pessoal da rua." A idéia do nome veio depois de muito estudo. Para Rodrigues, os nomes devem harmonizar-se com o conteúdo, com a decoração. Assim, depois de vários nomes como James Gin, Mahatma

Brandi e Pôncio Pileques, um nome foi sugerido e veio de encontro a proposta: nada melhor do que o poeta bêbado Edgar Allan Poe, cujo trocadilho (Edgar Allan Porre) já havia sido sugerido por Luis Fernando Veríssimo em uma de suas crônicas.

Paralelo a isto, surgem pessoas interessadas em abastecer o estômago dos famintos boêmios, aumentando assim o movimento do bairro. Este é o caso do folclórico Gordo, que ficou tão famoso atendendo numa lanchonete, que resolveu abrir seu próprio negócio. Instalou-se, então, na esquina da Rua Fernandes Vieira com a Av. Osvaldo Aranha, munido de um carrinho móvel de cachorro-quente, que ameaça agora o tradicional Zé do Passaporte.

Assim, vão surgindo opções para todos os gostos. São guetos dentro de um gueto. Luciana Oliveira, 21 anos, residente no Partenon, ao se referir a Lancheria do Parque, na Av. Osvaldo Aranha, comenta: "Sou adepta do bar assexuado. A gente chama assim porque ele fica entre o Ocidente, da comunidade gay, e a pizzaria, que há estas alturas, já devia ter mudado o nome para Sapataria. Aqui há mais opção."

Cristina Loureiro, 16 anos, frequentadora assídua do bar João engulha-se de ter organizado com mais três amigas um abaixo-assinado dentro do bar contra declarações de Kleiton e Kledir em sua consagrada música "Deu pra ti": "Aqueles caras nunca frequentaram o bar João, nunca foram da noite do Bom Fim, como é que eles cantam: "Alô tchurma do Bom Fim, as gurias tão tri a fim? Nós estamos tri a fim, mas não de bunda-mole".

O Bom Fim com seus diversos casos e folclores é um ciclo, um bairro de duas caras, de preto e de branco. Quem passa por suas ruas de dia se depara com um labirinto de comércio: miudezas, confecções baratas, móveis e imobiliárias. À noite, entre sícoo e maconha, centenas de jovens perambulam. E o ciclo toma forma: quando amanhece os judeus abrem suas lojas e à noite as ruas e bares enchem-se de vida.

• Ana Cila Kaplan



Jovens perambulam à procura de um bar

Jakzan Kaiser

Scliar registra um rico folclore

Médico e escritor, Moacyr Scliar estreou na ficção em 1962 com o livro de contos *História de um médico em Formação*. Ainda como contista, publicou *O Carnaval dos Animais* e participou de várias antologias. Em 1972 publicou seu primeiro romance *A Guerra do Bom Fim* seguindo-se *O Exército de um Homem Só*, *Os Deuses de Raquel*, *A Balada do Falso Messias*, *Os Mistérios de Porto Alegre*, *O Ciclo das Águas*, *Mês de Cães Danados*, *Pega pra caput*, *Doutor Miragem*, *O Anão no Televisor*.

Ciclo das Águas recebeu o Prêmio Érico Veríssimo, em concurso promovido pela Globo. A obra de Scliar toma como cenário, principalmente, o bairro Bom Fim, fixando a problemática do imigrante judeu e seus descendentes. Aqui uma parte do pensamento de Scliar:

HUMOR JUDEU

"O humor é um traço peculiar que surge em determinada fase da história. Não encontramos este humor na Bíblia, embora alguns trechos se caracterizem por uma ironia mordaz como as citações do profeta Elias. De maneira geral, não me parece que os judeus, na antiguidade, tenham sido mais propensos ao humor do que os outros povos. Realmente o humor judeu surge com a Diáspora e, particularmente, com a perseguição. Surge como forma de defesa contra o desespero gerado numa situação em que a miséria se juntava à opressão. Isso ocorre também com outras minorias étnicas ou raciais como o caso dos negros, dos armênios, dos italianos nos Estados Unidos, e assim por diante. Esse tipo de humor sobretudo amargo é muito peculiar. É o humor mais do sorriso que da gargalhada, humor da pastosa que ri para não chorar. Mas também é o humor que faz refletir num segundo momento após o riso quando então se questiona a vida de maneira geral. Dentro da literatura, os autores judeus levaram essa experiência à maestria. Hoje, todos os grandes escritores judeus norte-americanos se caracterizam pelo humor. Um exemplo muito conhecido é Woody Allen, cujos livros são bastante difundidos. Mesmo Isaac Bashevis Singer, Prêmio Nobel, com livro publicado aqui pela L&PM "Inimigos - Uma História de Amor", tem sua obra repassada pelo humor, onde a comicidade é, até certo ponto, patética. Isso a gente também encontra recuando no tempo, na obra dos escritores judeus que viveram nas aldeias russas e polonesas, no começo deste século, e que descreveram de uma forma lírica e ao mesmo tempo humorística, a vida naquelas pequenas co-

munidades."

REFLEXOS DA INFÂNCIA:

"Essas histórias sempre se caracterizaram exatamente pelo traço de humor. E como nas aldeias da Europa Oriental, o humor ajudava a suportar a vida que era então muito dura, pois mesmo não se tratando mais de imigrantes — mas da primeira geração de brasileiros — as pessoas que moravam no Bom Fim, na década de 40/50 eram pessoas que estavam lutando para encontrar seu lugar ao sol. Nestas circunstâncias, o fato de se reunirem à noite no verão, em cadeiras nas calçadas, ou no inverno em torno de uma mesa de chá, era não só uma forma de congregamento, mas um modo das pessoas se apoiarem mutuamente contando histórias que, exatamente pelo humor leve, ajudavam a desfazer as tensões do cotidiano.

Eu me impregnei de tal forma dessas histórias que em meu primeiro romance *A Guerra do Bom Fim* não tive a menor dificuldade em sentar e botar no papel personagens e situações sendo exatamente retratando, pelo menos refletindo situações de minha infância."

TIPOS CARACTERÍSTICOS:

"Meu tio, Henrique Scliar, pai do pintor Carlos Scliar e do fotógrafo Selomão Scliar, era um homem muito entusiasmado, muito idealista e também um grande contador de histórias. Certa vez, ele foi ao médico por causa de uma coceira no pé.

— Pode deixar, seu Henrique, que eu vou lhe tirar por completo esse coceira.

— Não, por completo não. Deixa que um pouco eu gosto de me coçar.

Um personagem típico do Bom Fim de então era o do vendedor de prestações o qual precedeu o surgimento dos grandes crediários e que desenvolveu esse ramo de negócios com grandes sacrifícios. Era gente que subia o morro com uma mala nas costas ou guiando uma carroça. Conta-se que um desses vendedores, depois que conseguiu comprar um automóvel, sempre que parava o carro, puxava o guidão como se fosse rédea."

O BAR DO SERAFIM, O FEDOR:

"A fauna do Serafim era uma coisa incrível. Lá era o lugar em que se misturavam judeus e não judeus, mas o ambiente era tipicamente judeu. As pessoas não judias aprendiam até a falar o fôche, dialeto que está quase em extinção."

• Teniza Spinelli

Comunidade judaica mantém sua cultura

A Federação Israelita do Rio Grande do Sul está iniciando, este mês, a construção do Museu das Migrações Judaicas. A iniciativa faz parte do interesse da Federação em manter o intercâmbio permanente entre a cultura judaica e a cultura gaúcha. As obras serão realizadas com doações de entidades particulares, bem como de pessoas físicas. O terreno onde se situará o Museu fica na avenida Ipiranga esquina com a rua Bernardo Pires e foi doada pela Câmara de Vereadores de Porto Alegre. Segundo Abraão Faerman, presidente da Federação Israelita no Estado, além de abrigar o museu, o prédio terá espaço para exposições e atividades culturais e artísticas.

Faerman lembra que isto não é uma iniciativa nova, pois desde 1950, data de sua fundação, a Federação Israelita se preocupa em divulgar atividades culturais, sociais e esportivas. Existem várias entidades judaicas no Estado, coordenadas pela Federação, que também representa estas entidades junto ao poder público.

Uma das principais preocupações da comunidade israelita gaúcha é manter o intercâmbio cultural com Israel através de viagens nas quais são feitos estudos sobre a tecnologia e arte israelenses.

Além de patrocinar e realizar seminários, peças de teatro e folclore judeu, a Federação oferece à comunidade o seu jornal "Resenha Judaica", edi-

tado em São Paulo e distribuído quinzenalmente a 3 mil famílias judias de Porto Alegre. A publicação contém fatos relativos a todas as comunidades israelitas do Brasil, posições políticas e religiosas, mantendo assim a unidade de informação entre os judeus brasileiros.

Outra base de ligação entre os judeus é a religião, "que não deve ser encarada como sinônimo de judaísmo", observam alguns membros da comunidade. Teoricamente, ser judeu é ter um comportamento comprometido com a Bíblia judaica — Torá ou Pentateuco — e isto não implica necessariamente em ser religioso. O judaísmo possui várias datas comemorativas onde se destacam

o Shabbath (sábado), o Rosh Hashana (Ano Novo) e o Yom Kippur (Dia do Perdão). Estes dias são dedicados a orações, principalmente nas sinagogas.

A participação de jovens na religião judaica está se tornando menor, mas isto é um fato social que também ocorre no catolicismo e em outras religiões. Faerman considera que "o jovem é absorvido pela realidade que o cerca a respeito do destino do homem e ele se desliga da religião".

José Glock, 52 anos, clínico geral, participa ativamente das atividades religiosas da comunidade israelita. Ele explica que todas as sextas-feitas são organizadas "reuniões de canho alegre com cantos e danças" para comemorar o Shabbath. Segundo Glock, não existe objeção a quem pessoas não judias frequentem as sinagogas. "Estamos abertos para qualquer pessoa cujo interesse seja a fé", diz ele.

Há alguns bairros em Porto Alegre em que se verifica grande concentração de judeus, como o Bom Fim. José Glock esclarece que este não é um fato estranho, pois "sempre onde há uma sinagoga, moram muitos judeus por perto". Isto é justificado pela constatação de que os judeus, por preceito bíblico, não podem andar em veículos nos sábados. Desta forma, todos procuram morar próximo a uma sinagoga para não fazerem longas caminhadas.

• Elisabete Tubino

ENDEREÇO DA COMUNIDADE

- Federação Israelita do RGS - Rua João Telles, 508 - F 26.3256
- Círculo Social Israelita - Rua João Telles, 500 - F 26.3755
- Colégio Israelita - Protásio Alves, 943 F 31.3339 e 31.8076
- Armazém Internacional - Rua Felipe Camarão, 611 - F 21.9914
- Sinagogas
- Mariante, 772
- Bento Figueiredo, 55 - F 32.1065
- Henrique Dias, 73
- João Telles, 508 - F 26.3755
- Barros Cassal, 750 - F 24.6515
- Protásio Alves, 943 - Capela do Colégio Israelita

Vileiros lutam pela terra através de sua Associação

Ameaçados de despejo os moradores da Vila Planetário unem-se para defender o direito de morar

Como 97 famílias podem resguardar o direito legítimo de permanecerem no terreno que habitam? Através de uma Associação de Moradores. Essa pelo menos foi a resposta encontrada pelos 726 moradores da Vila Planetário, alguns residindo há mais de 20 anos.

A importância de uma associação não se comprova apenas na

luta pela regularização de um terreno, ou na obtenção de uma creche para as mães que trabalham fora, tarefas imediatas da Associação da Vila Planetário. Pode ser também pela conclusão de uma rua, como a Princesa Isabel e até por coisas menores, como a coleta diária do lixo, conquistas dos bons tempos da Associação do Bairro Santana, hoje desativada.

VILA PLANETÁRIO

A Associação da Vila Planetário já existe há três anos. Mas foi só a partir de janeiro desse ano que foi ativada. Segundo conta seu presidente, o funcionário municipal João Carlos

Ferreira, "foi tudo de surpresa, chegou uma repórter e disse que o Prefeito tinha doado o terreno para a Associação Rio-grandense de Deficientes".

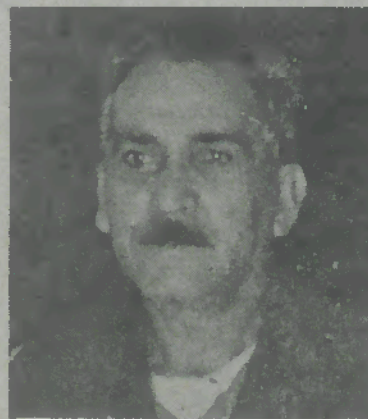
Imediatamente os moradores se mobilizaram e, em comissão, foram à Prefeitura e Câmara de Vereadores. Conforme explica João Ferreira, foi por isso e pelo apoio recebido da Comissão de Direitos Humanos, CNBB e FRA-CAB, que a situação foi contornada temporariamente.

Depois disso reina a insegurança. "Pobre é assim, jogado de lá pra cá por não dispor de meio de vida para pagar aluguel. Alguns têm de sobra o que falta para muitos", lamenta dona Lurdes, esposa de João Carlos a mãe de seis filhos.

ARGUMENTOS FORTES

Os moradores não estão dispostos a desistir do seu direito e tem fortes argumentos. Segundo Kalil Yasin, vice-presidente da associação, a Prefeitura exige personalidade jurídica para qualquer doação. "Acontece que somos entidade jurídica e, portanto, temos direito legítimo à doação". Yasin esclarece que a Associação dos Deficientes pertence ao Estado. "Por que o Estado não faz a doação?", pergunta.

Informa ainda o vice-presidente, que enquanto entidade legalmente registrada, "não podemos sofrer despejo puro e simples, é arbitrário!"



Yasin: Temos direito à doação

fazer a distribuição em lotes iguais, das 97 famílias. "O importante é provar para o Prefeito que dá para colocar todos", acrescenta Yasin. "Aí nós teremos condições de lutar", conclui.

RECOMEÇAR TUDO

As pessoas da Planetário alegam que teriam de partir do zero se fossem mudadas. Precisariam procurar desde o emprego até nova escola para as crianças, além de terem de arcar com custos de habitação e transporte. Ainda que haja a promessa do prefeito Dib de arranjar um terreno perto da cidade.

"Compromisso de boca não basta. É preciso que um vereador entre com um projeto de anulação da doação", opina exaltada Suely Ramos, secretária da Associação. Dona Suely é a encarregada da ata das reuniões semanais, realizadas aos domingos às duas da tarde e, para as quais, são convocados todos os moradores.

Os residentes na Vila Planetário têm conhecimento do custo estimado de Cr\$400 milhões para a remodelação do Centro. E se perguntam o porquê de não se aplicar essa verba em saneamento e urbanização. "Não precisa muito pra nós", diz um morador, "liberada a planta, a Prefeitura entrava com o tijolo, o mutirão saía da Vila e a areia até do Distrito mesmo".

• Octacílio J. G. Neto



"Paisagem feia" motivou doação arbitrária

Rua São Manoel tem pouco policiamento

O major Gonzalez, responsável pelo comando de Policiamento da Cidade, explica que o aumento de vigilância numa área pode dar-se de duas formas: por número de ocorrências e por solicitação dos moradores. "Se os moradores da São Manoel, após cada caso, sistematicamente telefonassem para o 190 ou registrassem queixa na Delegacia, o número de casos alertaria a Brigada Militar e nós iríamos averiguar o que está acontecendo", explica Gonzalez. "Mas não se tem o costume de fazer queixa dos casos porque as pessoas querem ver os resultados na hora". Ele culpa ainda a falta de informação e a não-prevenção da segurança pela própria pessoa. "Nós não temos condições de colocar um homem em cada rua de Porto Alegre", explica, "é preciso pensar que existem muitas zonas marginais que requerem equipes de plantão". Quanto ao abaixo-assinado da São Manoel, ele não tem notícias, mas afirma que "não deve ter sido entregue ao órgão competente, pois teríamos tomado providências."

O policiamento da São Manoel, feito pela 3ª Companhia do 99º Batalhão de Brigada Militar, está sob a responsabilidade do capitão Castro. Ele explica que o policiamento na rua é feito normalmente, como em outras áreas da Capital: "Se os moradores observarem bem, verão que passam unidades motorizadas por ali". Como Gonzalez, Castro também queixa-se por nunca ter havido maior contato das vítimas com os responsáveis pela segurança: "Nós ainda não conseguimos contactar com uma associação do bairro que pudesse organizar e prestar-nos as informações". Ainda assim ele pede que os moradores atentem para uma mudança a partir de setembro: "Um reforço no policiamento da São Manoel, a partir de queixas recebidas, principalmente no horário das 18 às 7 horas. É importante que, para qualquer solicitação ou reclamação, a comunidade entre em contato com a Brigada Militar".

Desde há muito tempo, o pouco policiamento na Rua São Manoel, bairro Bom Fim, vem trazendo medo para os seus moradores. Já ocorreram muitos assaltos, arrombamentos e furtos, tanto a veículos como pessoais, agravados com o aparecimento do "tarado da Odontologia", um elemento que esturpava moças no estacionamento do Hospital de Clínicas e no pátio da Faculdade de Odontologia-UFRGS. Agora, ele já foi descoberto e parou de agir.

Os moradores acusam a falta de policiamento intensivo. A Brigada Militar diz que há policiamento, mas o local é que favorece tais atos — terrenos baldios, macegas, estudantes que transitam à noite.

Alertadas para o problema, em julho de 82, Janeisa Steinbach e Sandra Maganha resolveram fazer um abaixo-assinado com os demais moradores da São Manoel, na quadra entre a Protásio Alves e Dona Engênia, solicitando maior atenção da Brigada Militar para aquela área. "Foram conseguidas aproximadamente 80 assinaturas", diz Janeisa, mas ela não sabe onde elas foram entregues. Sandra explica que "foi

no fim da Siqueira Campos, mas tem tanta repartição da Brigada por ali que nem me lembro onde foi. Quando voltamos lá para ver as providências que iam tomar, nos disseram que faltavam mais 60 assinaturas para o policiamento intensivo se concretizar". "Um absurdo", exclama Janeisa, "era muita burocracia e desistimos".

"Há duas semanas, um marginal me abordou, aqui na rua, e eu tive de fazer um escândalo na frente do edifício de uma amiga. Quando as janelas se abriram, ele saiu correndo", conta Janeisa. Não há referências quanto a mortes, mas assaltos e furtos acontecem sempre. Sandra explica ainda que existe desleixo dos moradores: "Eles deixam as garagens abertas à noite, apesar dos insistentes pedidos de cuidado."

Comunidade fez a Décima Delegacia

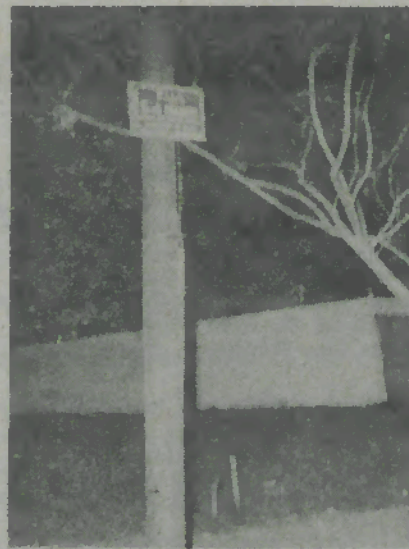
O Bom Fim apresentava, por volta de 1966, um grande crescimento populacional, enquanto que os serviços policiais do bairro e adjacências se dividia entre várias Delegacias distritais, todas sobrecarregadas de serviço, o que dificultava o atendimento dos moradores da Independência, Santana, Caminho do Meio, o próprio Bom Fim e arredores.

A comunidade israelita, na qualidade de representante primeira do Bom Fim, ciente da necessidade de um melhor serviço policial para o bairro, foi ao secretário de Segurança e solicitou a criação do 10º Distrito Policial para atender a esta zona de Porto Alegre, prontificando-se para tanto em conseguir um local adequado, arcando com as despesas necessárias.

CASA ALUGADA

Assim, em dezembro de 1966, inaugurava-se a 10ª Delegacia de Polícia, instalada em uma casa alugada pela comunidade na rua Jacinto Gomes, com jurisdição sobre os bairros compreendidos pela seguinte delimitação: da avenida Getúlio Vargas seguindo pela avenida Ipiranga até a rua Lucas de Oliveira, daí até a rua 24 de Outubro, descendo pela rua Conceição até a João Pessoa; pela João Pessoa até a rua Venâncio Aires e fechando pela sua continuação até a avenida Getúlio Vargas esquina com Ipiranga.

Durante alguns meses a Delegacia funcionou custeada por recursos da comunidade, especialmente a judaica, quando em maio de 1967 o Governo do Estado desapropriou a casa e assumiu todo o ônus de seu funcionamento.



Na penumbra, marginais atacam

BRIGAS DE CASAIS

Conforme o policial Araújo, que trabalha na 10ª Delegacia desde a sua inauguração, o Distrito é relativamente tranquilo, apesar do grande número de moradores abrangidos pela sua jurisdição. Ele atribui este fato principalmente pelo bom padrão de vida desta parte da população portoalegrense. Apenas quando haviam malocas nas imediações da praça Garibaldi e também na rua Santa Terezinha é que o número de ocorrências era maior. Atualmente, os casos que ocorrem com maior frequência são de roubos e lesões corporais, especialmente os resultantes de brigas entre marido e esposa.

A velha casa que abrigava a Delegacia desde o início sofreu uma grande reforma, sendo as obras inauguradas ao se comemorar o décimo aniversário de funcionamento. Por ocasião dessas reformas foi eliminado o posto de identificação que funcionava no local.

Polícia promete atender melhor

No final de agosto, o chefe da Polícia Civil do Rio Grande do Sul determinou o cancelamento da obrigatoriedade da exigência do carimbo do DETRAN na Taxa Rodoviária Única após sua quitação bancária. Logo a seguir, anunciou o fim da "indústria do guincho" e o incremento do Serviço de Ronda e Vigilância da polícia civil. Essas medidas demonstram que o

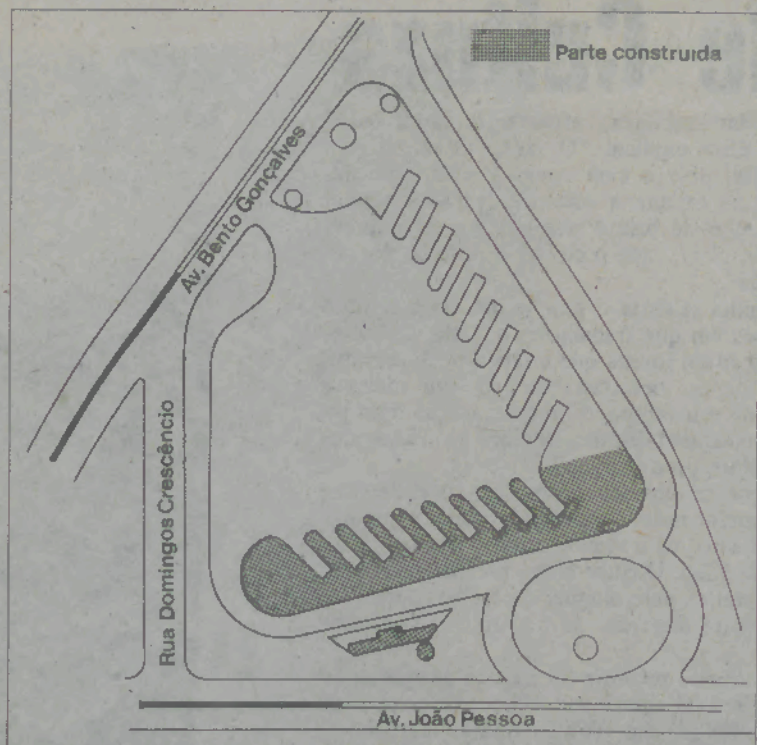
respeito no atendimento ao público é a meta do novo chefe da polícia, delegado Antônio Diniz Alves de Oliveira. Sua primeira medida de impacto ao assumir o comando da organização policial gaúcha, em julho, foi exigir o cumprimento do horário normal de 44 horas semanais por todos os funcionários policiais.

A determinação do cumprimento de horário integral, medida mais sentida no Palácio da Polícia, onde se encontra a maioria das repartições policiais, facilitou o atendimento ao público. O quartelão da polícia que fica na Azenha, esquina das avenidas João Pessoa e Ipiranga é complementado por uma única repartição não-policia, a agência da Caixa Econômica Estadual — instalada acima de tudo para apoiar os serviços do Palácio da Polícia, principalmente na simplificação do recolhimento de taxas.

A maior parte da hierarquia da polícia civil, cuja autoridade máxima é o chefe da Polícia Civil do Estado, está instalada naquele quartelão. Suas atividades relacionam-se com os serviços de polícia judiciária, uma vez que cabe à Brigada Militar o serviço de policiamento preventivo-ostensivo, e estão localizados no Palácio da Polícia, além do Gabinete do chefe da polícia, diversos departamentos de interesse público.

Entre os departamentos em que se divide a Polícia Civil, os que prestam serviços diretamente ao público são: Departamento de Trânsito (DETRAN), ao qual compete a normalização do trânsito de veículos no Estado, com os serviços de expedição de carteiras de habilitação para motoristas e licenciamento de veículos; Departamento de Diversões Públicas (DDP) que se encarrega da fiscalização e controle das diversões públicas, através da concessão de alvarás e licenciamento para espetáculos, boates, futebol, cinemas e outros; Departamento de Polícia Técnico-Científica (DPTC), que congrega: o Instituto de Identificação Civil e Criminal, responsável pela expedição de carteiras de identidade, atestados de antecedentes e identificação criminal, o Instituto de Criminalística, responsável por perícias técnicas, e o Instituto Médico Legal, responsável pelas perícias médicas e necrópsias; Departamento de Polícia Metropolitana (DPM), que congrega diversas divisões: Divisão de Investigações, com as delegacias especializadas (de Furtos, de Homicídios, de Defraudações, do Tóxicos), Divisão do Menor, Divisão de Delegacias Distritais, e Centro de Operações; Departamento de Informática Policial (DIMP), que atua nos serviços de informações criminais e de contravenções. Vinculada ao DIMP está a Delegacia de Armas, Munições e Explosivos, responsável por porte e registro de armas, bem como de licença para caça em temporada legal. Essa Delegacia absorveu o temido Departamento de Ordem Político e Social (DOPS), sediado no Palácio da Polícia até o ano passado, quando foi extinto, no final do governo Amaral de Souza.

Luiz Antônio Rocha - Roselaine Wandscheer - Cláudio Duarte



Projeto inicial por enquanto fica cancelado

Terminal Azenha opera plenamente ainda em 83

A falta de verbas muda os planos: terminal funcionará com uma plataforma a menos.

Até o final do ano o Terminal Azenha, localizado no quarteirão formado pelas avenidas Bento Gonçalves, Princesa Isabel e rua Domingos Crescêncio, estará funcionando plenamente, segundo estimativa do engenheiro Hélio Carneiro, do Núcleo de Transportes Urbanos da Companhia Estadual de Desenvolvimento Regional e Obras (CEDRO). O Terminal, que começou a ser construído em 1982, está operando desde março deste ano durante duas horas por dia, das 17 às 19 horas. Três empresas — Viamão, Sudeste e Veraneio — estão atendendo os usuários em 10 horários, transportando-os para Viamão e as vilas Diamantina, Jari, Florença e Monte Alegre.

O Terminal Azenha já estava previsto no Projeto Transcol, elaborado em 1976, que estipulava também a criação de um outro terminal no bairro Partenon, localizado no quarteirão formado pelas ruas Tenente Alpoim, Luiz Moschetti, José Rodrigues Sobral e Ramalheite. No entanto, com o passar do tempo, o crescimento populacional e a própria transformação da cidade, o Projeto Transcol evoluiu para o Projeto de Operação Integrada — Corredor Bento Gonçalves. O Terminal Azenha foi mantido, porém ligado a dois outros terminais além daquele da rua Tenente Alpoim: o Terminal Antonio de Carvalho, que é o terminal de cabeceira do sistema e está localizado no entroncamento das avenidas Bento Gonçalves e Antônio de Carvalho, e o terminal da parada 32 de Viamão.

SINALIZAÇÃO E FROTA

Com suas obras praticamente concluídas, o Terminal Azenha aguarda apenas a liberação do terminal da parada 32 de Viamão para operar plenamente. Segundo o engenheiro Hélio Carneiro, da CEDRO, esse terminal

também está quase finalizado, faltando apenas implantar o sistema de sinalização e a nova frota de 53 novos ônibus com capacidade para 58 passageiros sentados em média. O engenheiro acredita, no entanto, que até o final do ano esses fatores pendentes já estarão resolvidos, ativando não só o Terminal Azenha como todo o Projeto de Operação Integrada — Corredor Bento Gonçalves.

FALTA DE VERBAS

Da forma como está estruturado, o Terminal Azenha deixa de lado uma outra parte da construção prevista no projeto inicial e que serviria para abranger linhas de outro ponto da cidade como é o caso, por exemplo, da Cascatina e Teresópolis. De acordo com informações da Secretaria Municipal dos Transportes já existe verba para efetuar as desapropriações que esta parte da obra exigiria. No entanto existem recursos disponíveis para a construção.

Considerando que os recursos para a implantação do Projeto de Operação Integrada — Corredor Bento Gonçalves vieram 70 por cento a fundo perdido (dinheiro do governo que não precisa ser devolvido) e 30 por cento tomados na forma de empréstimos no exterior, o engenheiro Hélio Carneiro projeta para longo prazo a complementação dessa obra. Para fazer essa projeção, ele se baseia na atual situação de crise que vive o país, "onde os empréstimos no estrangeiro são uma possibilidade remota e os recursos liberados pelo governo para investimento mais remotos ainda", complementa Carneiro.

VANTAGENS DO CORREDOR

Quando o Corredor Bento Gonçalves começar a operar integralmente, não só o usuário mas a própria cidade em si serão beneficiados, na opinião do engenheiro Adalberto Cunha, que também integra o Núcleo de Transportes Urbanos da CEDRO. O percurso feito diariamente pelos ônibus vai ser reduzido, permitindo uma diminuição das tarifas em torno de 20 por cento pela

economia de seis mil quilômetros diários, já que a partir da instalação da linha troncal até o Terminal Azenha os ônibus deixarão de rodar os atuais 29 mil quilômetros diários para percorrer 23 mil.

Para reforçar essa idéia de que a racionalização do sistema de transporte implica na redução do consumo de combustível e na diminuição tarifária, Adalberto Cunha cita o que já foi obtido neste corredor — RU-30 — Bento Gonçalves em novembro de 1982. Naquele ano as passagens do corredor foram rebaixadas de Cr\$ 46,00 para Cr\$ 30,00. E ele traz este fato para os dias de hoje; enquanto a tarifa social está em Cr\$ 115,00, a passagem do corredor fica em Cr\$ 90,00.

Na opinião do engenheiro Hélio Carneiro, que esteve durante cinco meses morando em Paris, para estudar o sistema de transporte da capital francesa, as faixas exclusivas para ônibus e as estações de baldeação são o caminho para uma cidade que cresce. "Embora as pessoas possam resistir inicialmente ao fato de terem que descer num determinado ponto para apanhar outro ônibus, não temos como escapar disto para evitar o congestionamento do centro da cidade", acrescenta Carneiro.

O sistema de transporte idealizado para a Bento Gonçalves, que já tem similares funcionando em Curitiba e Goiânia, é visto por Carneiro como uma solução para um país subdesenvolvido. "Comparado ao metrô", afirma o engenheiro, "representa uma economia muito grande, basta analisarmos o fato de que para 26 quilômetros implantados do corredor foram gastos US\$ 33 milhões, enquanto que o mesmo percurso de metrô exigiria praticamente o dobro".

Além dessas vantagens, o engenheiro Adalberto Cunha cita outras. Uma delas, a facilidade de qualquer modificação de tipo de veículo, inclusive mudança de modalidade (veículo elétrico ou ferroviário), possibilitando a utilização de outras fontes energéticas e/ou ampliação de capacidade do sistema.

• Lara Meilo

Tráfego do Bom Fim continua deficiente

Congestionamentos, sincronização de sinais, corredor central e suas consequências, acidentes de trânsito, poluição causada por veículos. Estes problemas do bairro Bom Fim foram destacados por Svend Kongerslev, Pedro N. Duarte, Rosana Marques e Marieta Trentin, todos moradores daquela populosa zona da cidade.

Antes da implantação do corredor para ônibus, a avenida Osvaldo Aranha possuía uma pista no sentido centro-bairro e duas em sentido contrário, o que provocava, nos horários de pique, muito engarrafamento. Para o agrônomo Svend Kongerslev, residente à rua João Telles, o problema estaria resolvido, sem nenhum investimento, com a simples inversão de mãos.

Enquanto os demais opinaram que as mudanças efetuadas foram satisfatórias, apesar dos altos custos, a estudante de arquitetura Marieta Trentin, residente à Rua Antão de Farias, acha que o engarrafamento permanece. Todos, no entanto, são unânimes em afirmar que as sinalizações em funcionamento suprem de maneira eficiente as necessidades ao bom desempenho do tráfego e, segundo Marieta, "algumas tornam-se desnecessárias".

Problemas sem solução

Apesar disso, ainda existem alguns problemas críticos. Para o bancário Pedro Duarte e a economista Rosana Marques, ambos residentes à rua Barros Cassal, a falta de sincronização nas sinalizações é o maior deles, enquanto Kongerslev cita o congestionamento provocado junto à Rodoviária, que afeta diretamente o Bom Fim. Já a estudante de arquitetura ressalta a falta de perimetrais ou radiais para acesso aos bairros nos horários de pique.

Finalmente, o agrônomo e economista sugerem a melhoria do acesso à rua irmão Otão transformando em mão única a avenida Independência, e o aumento de vagas para estacionamento nas ruas onde existe muita concentração de casas comerciais como a avenida Osvaldo Aranha e rua Fernandes Vieira.

• Ronaldo C. Saraiva

Comércio discute corredor de ônibus

Os corredores de ônibus, quando foram construídos, provocaram uma enorme polêmica sobre os prejuízos que traziam ao comércio. Diversos lojistas temiam que os corredores prejudicassem as vendas, pois a partir de sua construção não mais seria permitido o estacionamento de carros junto às calçadas.

Implantados e em pleno funcionamento, as opiniões de comerciantes e consumidores continuam divididas.

"Não acho que o corredor prejudique o comércio. Acho até que a situação melhorou, pois antes do corredor, atravessar a Osvaldo Aranha era um perigo". Essa opinião, expressa por Ângela Gomes, que costuma "fazer umas comprinhas" pela Osvaldo Aranha, é compartilhada por vários lojistas da área, que acreditam que a implantação do corredor de ônibus não trouxe prejuízos para o comércio.

Solon Engelman, sócio-gerente da Boutique Ester, situada em frente ao Hospital das Clínicas, cre que isto se deve ao fato de só haver lojas comerciais de um lado da rua. Segundo ele, a tendência dos consumidores é caminhar do lado da calçada onde estão as vitrinas. "As pessoas só caminham do lado do Parque da Redenção quando querem pegar um pouco de sol", diz Solon "com isto o movimento do lado de cá da rua se mantém normal, mesmo



Ricardo Pazão

com o corredor". Ele acha que o corredor só trouxe prejuízos para as lojas que se encontram situadas no trecho da Protásio Alves que começa depois do viaduto da Avenida Marizante, "pois naquela área há comércio dos dois lados da rua".

ESTACIONAMENTO

Um dos problemas que, na época da construção do corredor foi apontado pelos lojistas, a ausência de locais de estacionamento, parece não ser motivo de preocupação para Jane Teixeira,

funcionária da Tachê Bolsas e Calçados. Ela considera que a impossibilidade de estacionar na Osvaldo Aranha e Protásio Alves é compensada pela disponibilidade de lugares para estacionar nas ruas transversais, que "tem sempre espaço livre para estacionar". Essa não é a opinião de Samuel Schafer, gerente da Estofados Super. Ele reclama que a ausência de estacionamento "é um problema para o freguês, que tem de rodar com o carro até encontrar um local para parar". "Antes do corredor", diz ele, "sempre era possível dar uma estacionada rápida, para fazer alguma compra. Agora, isto é impossível, pois se alguém estaciona logo vem um brigadão e manda sair".

Entre os consumidores, as opiniões são divergentes. Humberto Antonio Fagundes, bancário, que "de vez em quando" faz compras nas lojas da Protásio, queixa-se da falta de local para estacionar. "É preciso ficar circulando, até achar uma vaga em uma das ruas laterais." Ana Maria Adnan, funcionária pública, não vê nenhum inconveniente nisso. "É só pegar um ônibus e saltar no início da Osvaldo Aranha. A pessoa pode vir caminhando, olhando as vitrinas, escolhendo. É muito melhor do que vir de carro", acredita ela.

• Ligia Gomes Carneiro

Poluição tolerável

Da mesma forma, há um consenso geral de que o movimento de veículos nas áreas mais residenciais do bairro é bastante moderado, excetuando-se as Ruas Fernandes Vieira e Garibaldi, além da facilidade de acesso ao Centro e aos bairros próximos. A poluição causada pelos veículos não foi considerada muito intensa pela maioria do grupo entrevistado, a não ser pela sra. Trentin, para quem "a sonora é maior ainda".

Tráfego seguro

Quanto ao aspecto de segurança, apenas Kongerslev considerou perigoso o cruzamento da rua Garibaldi presenciou acidentes, sendo o problema resolvido com a colocação de semáforo. Portanto, todos concordam que o número de acidentes de trânsito ocorridos ultimamente no bairro Bom Fim estão dentro da normalidade de uma grande metrópole.

Novo momento do Clube de Cultura

Vídeo-cassetes, poltronas, tabuleiros de xadrez, bar com telefone, e 150 sócios. É o novo momento do Clube de Cultura

Criado com a finalidade de ser um espaço para o desenvolvimento cultural em todos os setores, o Clube de Cultura já passou por vários momentos. Foi ponteador das atividades culturais da Prefeitura, na década de 50; Vasco Prado apresentou ali seus trabalhos; foram sócios do clube os Scliar, tanto o escritor como o pintor; o Jockymann, o atual sub-Secretário da Cultura, Paulo Amorim; passaram por ali também as bandas de rock e toda geração que acompanhava este movimento. Hoje, o clube é apenas uma sala de apresentação com um bar na frente, distante do foco cultural que já foi.

Quando foi construído, a concepção era de um café-concerto, tanto que a porta que separa o bar do teatro abre-se totalmente. Hoje, o clube funciona quase só à noite, quando há apresentações no teatro ou as pessoas frequentam o bar. Para falar com alguém que possa fornecer informações sobre o local só mesmo às segundas-feiras à noite, quando acontecem as reuniões de diretoria. Durante o resto da semana, somente o economo, que cuida do bar, está lá.

São sete os diretores do clube, únicos sócios que restaram. Três deles, Salomão Schwartz Filho, Henrique Scliar e André Paulo Frank são também fundadores; mais tarde vieram Moisés Millmann, Haus Baumann, Mará Budaszewski e Maria Elisa Moreira Cezar, a mais jovem. Scliar é o mais velho, com 86 anos.

Um pouco da história do clube

Fundado a 30 de maio de 1950, com sede na Rua Ramiro Barcelos, 1853, o clube é "uma sociedade civil, voltada para o desenvolvimento cultural em todos os seus ramos: artístico, literário, esportivo, etc". Salomão Schwartz fala entusiasmado: "Nós tivemos uma época áurea, quando a Prefeitura tinha um levantamento das atividades culturais de Porto Alegre e nós é que as ponteávamos. Isto na década de 50".

"Com o golpe de 64, disse ainda Salomão, o clube também foi golpeado. Tivemos diretores que saíram, pois ficaram com medo. Nós, que ficamos, desenvolvemos o trabalho que podíamos, com, por exemplo, exposições de arte". As pessoas foram se afastando e fichas de sócios, livros, atas, desaparecendo. A polícia entrava seguido no clube, o que levava as pessoas a retirarem qualquer papel que pudesse identificá-las. "Então, parte do clube morreu por causa desta revolução, restando apenas na memória dos fundadores", acrescentou Maria Elisa a respeito do comentário de Salomão Schwartz.

Depois de 64, começaram os problemas administrativos. Segundo Maria Elisa, "começou a decadência total. Todo mundo entrava e usava as salas para o que queria. Um quinze pessoas tinham a chave do clube e por esta época sumiram as cortinas, os spots, enfim, a parte material do clube ficou danificada".

Anos 70 e as atividades do clube

Em 74/75 o clube foi palco para grandes shows de rock. Começando às 6 da tarde, os shows apresentavam as bandas de sucesso do momento, como Bicho da Seda, por exemplo. Carlinhos Hartlieb conta: "Era uma loucura, até o dia em que a polícia invadiu o clube. Então, o lugar foi esvaziando, principalmente porque o pessoal do clube não queria sustentar a má fama que poderia vir". Na época o rock significava um movimento novo, muito mais que um tipo de música, ele se tornava uma maneira de ser, uma forma de comportamento.

"Nós afastamos aquele pessoal que veio nesses 20 anos só bagunçar aqui dentro", afirma Maria Elisa e continua: "Agora, a gente seleciona os grupos para trabalhar, mas o espaço está aberto para todo mundo que pretende trabalhar honestamente".

Em 79, a oficina de arte começou a funcionar com cinco ou seis artistas trabalhando. Porém, conforme Maria Elisa, havia muita concorrência e eles brigavam muito, motivo pelo qual, em reunião de diretoria, foi decidido que a oficina seria fechada. Resolveram então fechar todos os departamentos.

Peninha, que trabalhou no atelier de arte, diz que no clube se desenvolveram cursos de dança, de capoeira, nas três salas existentes

no andar superior, atualmente desativadas. Maria Elisa explica: "O clube estava atirado às traças, pois o cara chegava aqui, colocava a mãe na oficina a fazer tapeçaria, a mulher a dar aulas de balé e isto virava uma empresa familiar. E aí, cadê o clube? Em nome do clube, nada".

Peninha salienta o grande problema sentido na época em que trabalhou no Clube de Cultura: "Os então jovens que criaram o clube continuavam dando opiniões baseados em idéias e ideais de seu tempo. Embora cabeças mais jovens trabalhem juntos, sempre as idéias dos mais velhos predominam".

Agora as pessoas acham que o clube não está funcionando. "Mas desde janeiro que nós não paramos de trabalhar para os grupos", revela Maria Elisa. O clube cobra uma taxa de cinco mil cruzeiros pelo aluguel do teatro, porém, se a bilheteria der mais de 50 mil, o clube pede 10%.

A primeira reforma foi na sala de apresentações, que está aberta ao público, ainda com algumas deficiências, como a parte elétrica, os spots. O espaço para exposições de arte está aberto gratuitamente. "O próximo passo é refazer a secretaria, alvarás, documentos, enfim reestruturar" — diz Maria Elisa.

A direção e os planos futuros

Quando a sala de apresentações estiver em condições satisfatórias, será lançado um edital junto à APETERGS, possibilitando a inscrição dos grupos para ocuparem o local. O clube pretende abrir espaço inclusive para empresas que queiram dar cursos.

Está nos planos da direção, a partir do ano que vem, ter um quadro de mais ou menos 150 sócios. A idéia é deixar a parte de baixo, bar e auditório, aberta ao público em geral e a de cima somente para sócios. Segundo Maria Elisa, serão oferecidas nas salas do andar superior seções de vídeo-cassete, mesas para jogar xadrez, sofás, poltronas, mesas para estudos, serviço de bar com telefone interno.

A peça onde funcionava a oficina de arte, que foi fechada para refazer, talvez abra para recitais, recepções, mostras coletivas, apresentações de pequenos grupos.

Maria Elisa conclui: "Nós não abrimos muito o clube agora porque não há condições, nós queremos estruturar", e salienta: "O clube está aberto a novas idéias, novas cabeças que queiram vir aqui e trabalhar".

• Iria Pedrazzi

Cinema Castelo: esmagado pelo progresso

Foi o maior cinema da América Latina, virou bailão, escola de samba e gafeira. Ocioso vai tornar-se uma agência bancária.

Nos últimos anos uma grande quantidade de cinemas de Porto Alegre tem fechado suas portas. Nomes familiares a qualquer porto-alegrense — Ypiranga, Rei, Real, Colombo, Rio Branco, Atlas, Guarani — hoje abrigam bancos, estacionamentos, lojas, centros comerciais, ou simplesmente foram demolidos. Aqui na Azenha, perdemos o tradicional Cine Castelo, que deu lugar a um bailão. Este cinema era o maior da América Latina, com quase 3 mil lugares, possuindo ainda uma belíssima fachada e um conjunto arquitetônico de razoável interesse cultural. Fechado como cinema virou bailão do Castelo, escola de samba, gafeira e atualmente está ocioso, devendo, segundo os comerciantes vizinhos, tornar-se uma agência bancária.

Este episódio do cine Castelo é um exemplo da diminuição da área de lazer e do processo que está vivendo a Azenha, um bairro

cada vez mais comercial e menos residencial. A proliferação de lojas de acessórios para automóveis e os corredores de ônibus diminuíram ainda mais o já exíguo estacionamento disponível. Sendo um bairro de pessoas de classe média que têm carro e o usam, a Azenha vai cada vez mais caracterizando-se pelo "jeitinho", por mais um fuca em cima das calçadas e menos conforto para os seus moradores. O lazer e o entretenimento tornam-se difíceis na Azenha, à medida em que os cinemas vão fechando, as praças vão rareando, as árvores sendo derrubadas, e o bairro tornando-se um lugar onde as pessoas fazem compras ou buscam serviços, mas não residem.

O Bom Fim, com seus cines Rio Branco e Atlas já foi descaracterizado, poluído e quase incorporado ao Centro. Hoje o mesmo processo acontece com a Azenha e seu cine Castelo.

• Túlio Martins



Salvador Albarren

Mais do que uma simples Academia de Dança, a Choreo tem por objetivo manter um bom grupo de bailarinos na cidade.





Dança contemporânea e jazz como opções



Ricardo Padão

Manter bailarinos na cidade. O projeto da Choreo



Para mim, a dança é não apenas uma arte que permite a alma humana expressar-se em movimento, mas também a base de toda uma concepção de vida mais flexível, mais harmoniosa, mais natural. Isadora Duncan.

Com estas palavras, colocadas em um pequeno quadro logo na entrada, a gente penetra num outro mundo, no mundo da dança da Academia Choreo, localizada na Osvaldo Aranha 418, bem em frente a Reitoria da UFRGS. Uma velha casa, onde era, antigamente, mais um dos famosos barzinhos do Bom Fim. Uma pequena sala de recepção e outra, bem maior, com o piso de madeira, apropriada para dançar. Gente jovem, pessoas bonitas, rostos simpáticos.

Criada em 1981, completou dois anos em agosto último, a Academia Choreo não é bem uma escola de dança. Os próprios professores a definem como um espaço alternativo para a dança. Felipe Vasconcellos, um dos professores, explica que "não temos como meta o lucro, mas sim manter um determinado grupo de bailarinos, abrir espaço para novos dançarinos, manter outras atividades, como teatro, pintura, música, palestras, e além disso, ensinar a arte de dançar".

Márcia Capra, outra professora do Choreo, diz que "as academias de balé se diferem da nossa, uma vez que aqui não ensinamos balé, mas Dança Contemporânea. Aliás, a Choreo pode ser considerada a única a ter tal aprendizado no

Estado".

Além da Dança Contemporânea, são oferecidas aulas de Jazz, mas em menor escala. Os professores são todos membros do Grupo de Dança Choreo, a Academia serve como suporte financeiro para que o grupo permaneça trabalhando, realizando espetáculos e se apresentando nas diversas cidades. Na verdade, explica Márcia, "não foi criado um grupo de dança de uma determinada academia, mas foi criada uma academia com os professores do Grupo Choreo".

O INGRESSO

Para ingressar na Academia Choreo não são necessários conhecimentos de dança. São oferecidas aulas para iniciantes e aulas para os que já possuem alguma experiência. O único pré-requisito é que os interessados já sejam adolescentes, pois como não houve procura de aulas para crianças, não há classes infantis.

DANÇAR É PARA TODOS

O público que frequenta a Academia Choreo é, na sua maioria, jovem. Universitários, frequentadores ou não do Bairro Bom Fim, pessoas que apreciam a dança e que já possuem uma certa maturidade para escolher dançar por decisão própria e não por imposição dos pais ou de amigos.

Por uma questão de preconceito, grande parte dos frequentadores da Choreo são mulheres, uma vez que poucos homens se iniciam na arte de dançar. Mas em todas as aulas existem homens, o que vem provar que essa idéia de que homem não pode dançar já está ultrapassada. Para Cecy Franck, Mestre da Academia e do Grupo Choreo, "a televisão tem ajudado muito a acabar com essa idéia errônea de que o homem não deve dançar", diz ela. "Muito antes do homem falar ele já dançava. A dança é uma forma de arte e como tal deve ser encarada. Na formação da pessoa deve existir a dança. E a televisão está cada vez mais mostrando musicais, grupos de dança, filmes de dança, enfim, homens dançando".

Por atender a um público com nível econômico relativamente baixo os preços cobrados estão em uma faixa relativamente barata, em se tratando de ensino de dança e o aluno só paga as aulas que assiste. Uma aula custa, atualmente, quatro mil cruzeiros, caindo, proporcionalmente, a medida que o aluno utilizar mais a academia, pois o preço é o mesmo para quatro aulas ou mais. Assim ficam favorecidos aqueles que querem dançar mais, explica Sandra Guez, pois "se você dançar 15 vezes por semana pagará o mesmo preço de quatro aulas. Dançar é prática e quanto mais se dança mais se aperfeiçoa".

As aulas são oferecidas todas as manhãs, inclusive sábado, a partir das 8h30min, com uma hora e meia de duração, e todas as noites, a partir das 19h 30min. Pela tarde os dançarinos do Grupo, todos professores da Academia, ocupam o espaço para suas próprias aulas.

CURSO DE DANÇA NA UNIVERSIDADE

Cecy Franck observa que "deve haver um consenso para que se leve para a Universidade, dentro do Curso de Artes, um Curso de Dança, que servirá não apenas para a formação de professores, como para a formação teórica do próprio bailarino, além do conhecimento da música aplicada à dança. A dança precisa de um embasamento para ser ensinada, e esse embasamento só pode ser dado em uma Universidade, em uma escola de música, onde o bailarino faz um aprendizado para ensinar dança".

O Grupo Choreo foi a grande revelação de 1982, com 39 apresentações em cidades do Interior, além de ter sido convidado para o Festival Nacional de Dança, em São Paulo. Contratado da RM Promoções, o grupo já tem programadas no segundo semestre, várias apresentações em 19 pequenas cidades do Rio Grande do Sul e participações em Festivais. Em agosto, na Assembléia Legislativa, o Choreo venceu o III Festival de Dança de Inverno com a coreografia fronteiras, criação coletiva do grupo formado por Cecy Franck (Direção), Jane Bruhn, Cleber Menezes, Sandra Guez, Guelho Menezes, Márcia Capra, Felipe Vasconcellos, Angéla Dip, Marley Eitz, Paulo Ruschel e Neila Ruschel.

• Ricardo Padão

Com a dança mais harmonia no corpo

Rádio da Universidade: na Rede Educativa fica melhor

A Rádio da Universidade receberá, em breve, mais verbas para a sua manutenção, através do Sistema Nacional de Rádio Educativa, possibilitando melhorar ainda mais a qualidade técnica e a programação. Outra fonte de recursos será uma verba retirada das loterias federais, que embora, ainda em projeto, dá boas perspectivas para a "pioneira" rádio universitária do Brasil.

Atualmente, ela se mantém através de um orçamento fixo, anual, mas que não prevê os aumentos constantes de água, luz, telefone, bem como os serviços de terceiros, resultando em grandes dificuldades para saldar os seus compromissos. Mesmo assim, ela vem cumprindo a sua finalidade, de difundir cultura com uma programação voltada para as pessoas selecionadas e de maior nível cultural. A

sua linha de radiodifusão é basicamente música erudita, daí porque ser considerada não popular, como as emissoras comerciais.

Contando atualmente na produção com a jornalista Iara de Almeida Bendati, que chefia cinco bolsistas, todos estudantes da UFRGS e mais quatro funcionários, a programação da emissora se mantém quase inalterada através dos seus 25 anos de existência. Os bolsistas ganham 23 mil cruzeiros por mês e trabalham na produção e na técnica, fazendo um estágio bastante prático pois saem da teoria das aulas para trabalharem diretamente numa verdadeira emissora.

Outra finalidade é a de ceder um espaço para os cursos de Jornalismo, o da UFRGS e o da PUC, através do programa "Assunto de Reportagem", coordenado

pelo professor Carlos Alberto Carvalho. Os programas são apresentados às segundas e quartas-feira, às 13 horas, sendo elaborados e apresentados pelos estudantes.

A Rádio da Universidade possui hoje a maior discoteca de música erudita do Brasil, com 15 mil discos selecionados, o que lhe dá condições de apresentar uma programação de altíssimo padrão de qualidade. A potência é de 10 KW (superior à de boa parte de emissoras comerciais), o que lhe garante uma audiência num raio de 200 km de Porto Alegre, atingindo aproximadamente 300 municípios gaúchos.

O diretor atual é o jornalista Carlos Marino Urbin, que juntamente com Renato Rocha, gerente administrativo, tem grandes esperanças de que a rádio

possa cada vez aprimorar a sua programação, principalmente na área da informática.

A rádio possui em seu quadro locutores de prestígio dentro das emissoras comerciais, que dão qualidade na apresentação dos seus musicais, como Euclides Prado, Flávio Martins, Vergara Marques, Celestino Valenzuela. Eles inclusive gravam audiovisuais para empresas estatais, como a Aços Fino Piratini, utilizando-se os recursos técnicos (locução e mixagem).

Voltada para um público mais intelectual a rádio vai conquistando aos poucos o seu espaço em outras camadas da população na medida em que ela é mais divulgada, conforme demonstram pesquisas realizadas pela própria Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

• Riograndino Tabajara

Portas abertas ao lazer...

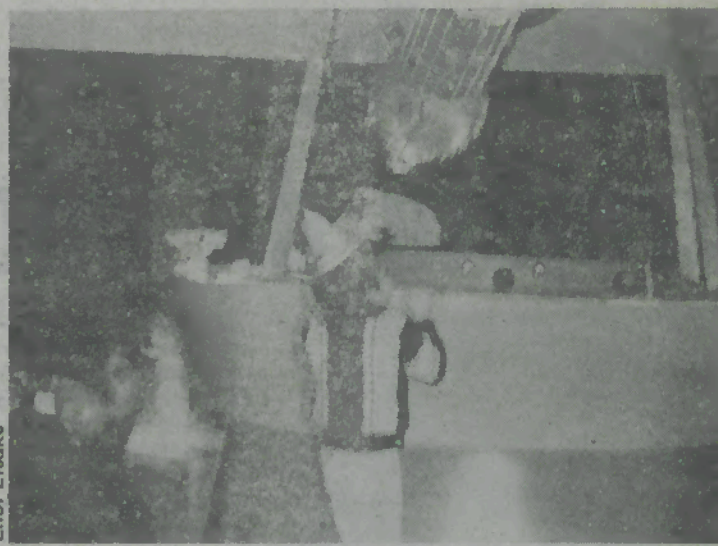


Vera Santos



Vera Santos

... para o público infantil ou adulto...



Enof Liedke

O Planetário tem seu espaço usado para atividade cultural

O Planetário é um espaço aberto a todas as atividades culturais, de lazer e informação.

O Planetário Professor José Baptista Pereira é um espaço cultural aberto aos portoalegrenses desde 11 de novembro de 1972. Na época, a Alemanha doou o equipamento, um projetor central e outros menores, que produzem efeitos complementares, a Prefeitura deu o prédio, e a UFRGS, o terreno. Atualmente, o Planetário é responsabilidade da Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS, formando, com a Rádio da Universidade, o Centro de Televisão Educativa, com atividades conjuntas, mesmo sistema e mesma diretoria.

Com capacidade para 130 pessoas, o Planetário recebe de 1.300

a 1.500 pessoas por mês, só de público de bilheteria. Segundo Gilda Terezinha dos Santos, do Setor de Divulgação, ainda há os convênios com a Secretaria de Educação e com a Prefeitura, para atendimento a escolares. O Planetário também é muito procurado por excursões do interior do Estado, por grupos terapêuticos, clubes de mães, escolas particulares e maternas.

Os programas, diferenciados em adultos e infantis, são feitos pela própria equipe de produção do Planetário, baseados em pesquisas feitas em artigos de revistas astronômicas vindas, geralmente, do exterior. São promovidas sessões de férias, programação especial para o Dia da Criança e um curso de Astronomia, uma vez por ano, de acordo com o calendário astronômico.

Gilda salienta, ainda, a existência do Centro de Estudos Biblio-

gráficos, uma mini-biblioteca aberta ao público, com revistas americanas, anuários de outras entidades e variados boletins e livros de astronomia. O Planetário também

está aberto para os mais variados programas culturais, como peças de teatro, shows musicais, recitais de poemas, que, como afirma Gilda, "trazem uma camada da popu-

lação que, talvez, não conhecesse o Planetário".

O Planetário de Porto Alegre é considerado um dos mais ativos e dinâmicos entre os sete existentes no Brasil. Inclusive, foi convidado para levar seu know-how para o Planetário de João Pessoa, na Paraíba, que será inaugurado em breve: "vai uma pessoa da área técnica para ensinar manutenção, revisão, limpeza, conservação e uso do equipamento; e um jornalista para dar fundamentos básicos de produção, redação de textos, contatos com imprensa e levar experiências daqui", afirma Gilda. "Quando o Planetário da UFRGS foi inaugurado, o pessoal daqui teve contato direto com dois técnicos alemães que vieram implantar o equipamento, o que lhes proporcionou um profundo conhecimento e um ótimo nível técnico."

• Ângela Gerst Ferreira



Vera Santos

... até para festas particulares

Santa Cecília: base dos bombeiros

Criado no século 19, por interesse das seguradoras, o Corpo de bombeiros tem QG na Silva Só.

Os moradores do Bairro Santa Cecília e adjacências já estão habituados ao convívio diário com a sirene dos carros de Bombeiros. Muitos sabem das porções de um incêndio só pela intensidade do barulho e recordam melancólicos a época em que os Bombeiros eram vizinhos silenciosos e os incêndios raros.

O destacamento do Comando do Corpo de Bombeiros de Porto Alegre fica localizado na Rua Silva Só, proximidades do ginásio da Brigada Militar. Sua colocação estratégica dentro da cidade é excelente, pois fica exatamente no centro de duas importantes avenidas que correm paralelas — a Protásio Alves e a Ipiranga — tendo acesso a qualquer ponto da capital.

As primeiras notícias que se tem sobre

a criação do Corpo de Bombeiros são provenientes do século passado. Naquela época, os incêndios já preocupavam a comunidade porto-alegrense e principalmente as companhias seguradoras.

Como principais prejudicados nos casos de incêndios, as empresas seguradoras iniciaram um movimento, em abril de 1894, buscando uma solução para o problema. E foi a união das companhias de seguro que possibilitou, mais ou menos um ano depois de iniciado o movimento, a criação de um corpo de bombeiros. Para elas, era mais lucrativo a formação e a manutenção de bombeiros junto com o município do que arcarem com a responsabilidade de todos os seguros realizados.

Segundo uma ata existente no CCB (Comando do Corpo de Bombeiros), esta corporação foi criada a 19 de março de 1895, já com características militares, porém, sem qualquer vínculo com Brigada Militar, como nos dois de hoje. Foi só em 1935, por ocasião das comemorações do

Centenário da Revolução Farroupilha, que o CBPA foi incorporado definitivamente à Brigada Militar.

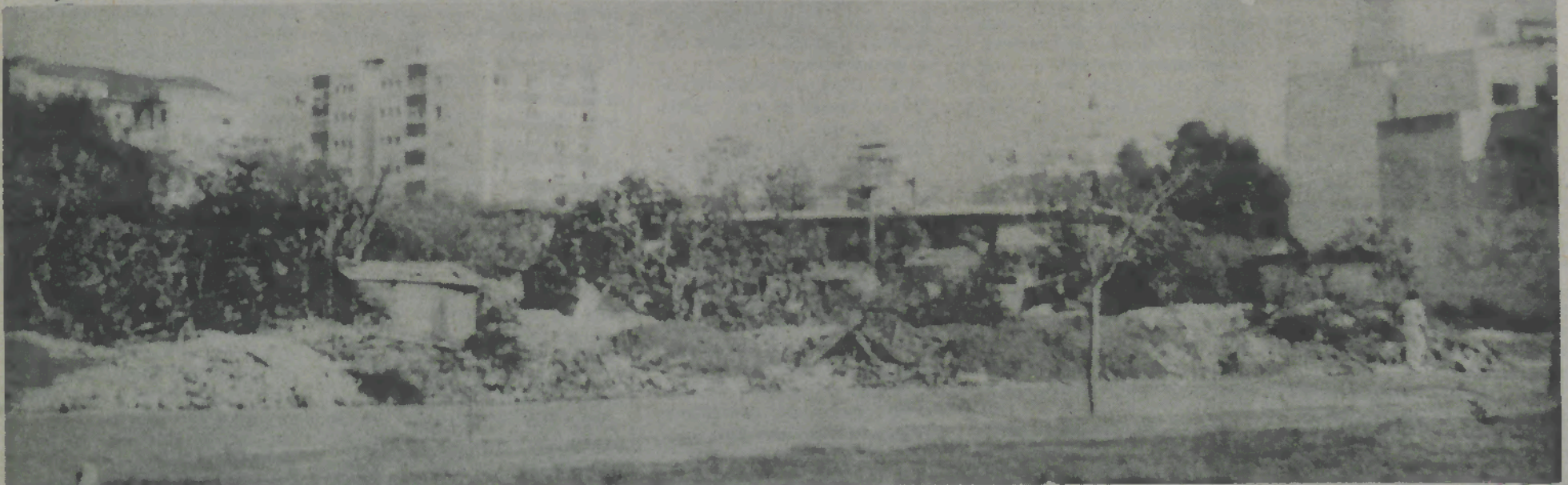
Organização interna

O Corpo de Bombeiros é formado pelo CCB (Comando do Corpo de Bombeiros), com seu Estado-Maior, chefe e subchefe. O comando subdivide-se em cinco GI (Grupo de Incêndio). O 1º GI tem sede em Porto Alegre, compreendendo também a Região Metropolitana. O 2º GI está em Novo Hamburgo e atende às cidades vizinhas. O 3º GI fica em Rio Grande, atendendo às cidades da zona Sul. O 4º GI, instalado em Santa Maria, opera nos municípios das proximidades e fronteira. O 5º GI tem sua sede em Caxias do Sul e atende a toda região serrana. Cerca de 600 homens, entre oficiais e praças, fazem parte do Corpo de Bombeiros.

Os soldados prestam dois serviços em maior escala: combate a incêndios e salvamentos. Porém, eles também atendem a outros tipos de chamados, como desabamentos, socorro de animais e outros casos que requerem a presença de um bombeiro. Mas os bombeiros também recebem cerca de 300 telefonemas infundados por dia, comunicando incêndios e princípios de incêndios. Sem ter como confirmar a seriedade desses chamados, homens e material são acionados inutilmente, resultando na mobilização de grande número de recursos sem motivos.

Houve um período em que chegava a mais de mil o número de telefonemas diários informando sobre incêndios que nunca existiram. O telefone 193, que pode ser usado sem ficha em qualquer "orelhão" da cidade, é o mais utilizado para esses trotes.

• Luiz Mário Trindade



Reajustes maiores do que salários não impedem a deterioração crescente do Sistema Financeiro de Habitação

Maria Pauli

Mutuários contra reajustes do BNH

Com a entrada em vigor do decreto-lei 2064, na madrugada do dia 20 de outubro, poucas horas depois do Congresso rejeitar o 2045 (veja página 12) a situação do mutuário do BNH ficou ainda pior. Embora tenha sido mantido o reajuste das prestações em 80 por cento do Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), os salários sofreram um achatamento maior do que os previstos no decreto rejeitado. E as faixas do Imposto de Renda, ampliadas para até 60 por cento, ficaram mais pesadas para todos os trabalhadores.

Como se não bastasse a renda do Fundo de Garantia pelo Tempo de Serviço, carregada para o BNH, está sendo drenada pelos altos índices de desemprego do país. E a Caderneta de Poupança, terceira

fonte de renda do BNH, junto com os pagamentos e o FGTS, começa a sofrer um refluxo de aplicações depois de uma ligeira recuperação com a instituição da renda mensal.

Pela primeira vez desde 1964, o governo brasileiro se viu açoitado por milhares de mandados de segurança invocados em todo o país contra uma de suas decisões. O reajuste de 130% nas prestações do Banco Nacional de Habitação, estabelecido pelo Decreto nº 88.371 de 7 de junho deste ano, não foi aceito pelos 4 milhões de mutuários de todo o país. Só no Rio Grande do Sul, mais de 10 mil mutuários já entraram com processos na Justiça Federal, boa parte deles beneficiados com sentenças de mérito favorável em primeira instância. Segundo

Mário Madureira, um dos coordenadores da Associação Gaúcha de Defesa dos Mutuários do Sistema Financeiro de Habitação, o mandado de segurança é um direito garantido pela Constituição. "Nós temos fundamentos jurídicos muito sólidos e acreditamos na autonomia e na integridade dos nossos tribunais superiores", afirma ele.

Qualquer pessoa que se sentir lesada pelo aumento da prestação do BNH, pode se dirigir à sede da Fracab, nos altos do Mercado Público, onde será orientada legalmente pela equipe da Asgam. Para impetrar o mandado de segurança, o mutuário precisa apenas anexar o contrato do BNH, que condiciona o aumento da prestação ao reajuste de seu

salário a uma procuração. Os custos com advogado são estabelecidos de acordo com a renda do mutuário. Deste modo, uma pessoa com renda de Cr\$ 250 mil vai pagar Cr\$ 30 mil pelo mandado, que leva em média 15 dias para a concessão da liminar, e mais Cr\$ 40 mil de custas judiciais.

O reajuste do BNH para os mutuários que possuem contratos com vencimento em outubro, novembro e dezembro será de 145,87%, e desde 18 de outubro a Asgam já está entrando com representações na Justiça em nome dessas pessoas, embora o prazo legal de entrada do mandado de segurança se estenda por até 120 dias a partir da data do vencimento.

• Elisabete Tubino



Marga Torres

O abrigo recebe desempregados, pessoas do Interior ou indigentes

Assistência aos pobres é missão do abrigo noturno

Abriando os pobres contra a chuva, o frio e a fome, o Instituto Espírita Dias da Cruz cumpre sua missão

Dias da Cruz, uma instituição particular, situada na Avenida Azenha, destina-se a auxiliar física ou espiritualmente qualquer pessoa que necessite de ajuda, independente de cor, raça ou religião.

Fiel à doutrina espírita, que prega acima de tudo a caridade, o Instituto Espírita Dias da Cruz não visa a nenhuma espécie de lucro.

O Instituto abriga vários departamentos, destinados ao atendimento de pobres, enfermos ou desabrigados. Esses departamentos têm cada qual sua finalidade. Assim há o Departamento de Assistência Espírita, o Departamento de Evangelização, a Biblioteca e o Departamento de Assistência Social. Este último é formado de várias seções. Entre estas se incluí o Abrigo Noturno.

O Abrigo Noturno, mais conhecido por Albergue, fundado em 7 de junho de 1931, tem funcionado ininterruptamente desde sua fundação, tendo acolhido até 1982 um total de 1 milhão e 200 mil necessitados.

Segundo o general Mezofante Gomes Pinto, diretor do departamento de Assistência Social, o abrigo, ou albergue, recebe diariamente mais de 50 pessoas. Essas pessoas são, em geral, desempregados, pessoas do interior, em trânsito, ou indigentes.

PORTAS ABERTAS

Por volta das 17 horas já começa a se formar uma fila na calçada, mas as portas são abertas às 19 horas.

É então que se inicia a triagem, para evitar que a procura do albergue se torne

um hábito. Em geral cada pessoa só pode ficar uma noite no abrigo, porém, se provar que está procurando emprego este prazo pode ser prolongado por 10 ou mais dias.

Após a triagem os albergados vão para o banho com chuveiro quente e sabonete. Conforme o estado de sua roupa ele recebe novas e a sua é incinerada, para evitar contágios.

Banho tomado, todos executam algum tipo de atividade de limpeza e conservação de banheiros e alojamentos. A seguir recebem abrigos para a noite e talheres para janta, que varia conforme as possibilidades. Após a janta, todos são liberados para dormir, sendo que, os que assim desejarem, podem participar das palestras de doutrinação religiosa, moral e cívica.

Neraci Antunes, um rapaz de 23 anos, veio de Soledade e sofre dos nervos. Atualmente encontra-se em tratamento psiquiátrico no Hospital Espírita, e foi de lá que veio para o albergue, onde dorme há várias noites. Encostado no INPS, ele mora numa pensão, mas quando o dinheiro acaba apela para o albergue que o acolhe, levando em consideração o seu estado de saúde.

Neraci considera que é bom

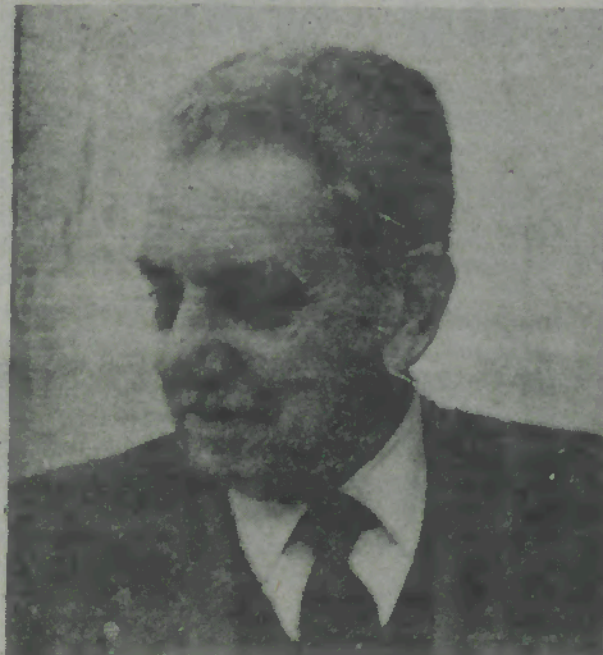
ter um lugar assim para poder procurar em caso de necessidade. Ele fala da rotina de triagem e funcionamento do albergue e diz que não são todos os que tomam banho e que as palestras antecedem à janta, o que faz com que todos assistam, pois são realizadas no próprio refeitório.

São 18 horas, Neraci olha a fila e vê que só há um bêbado. Ele diz que todos os que procuram o abrigo são recebidos, desde que haja vaga, com exceção dos bêbados.

O guarda, ou zelador, do albergue faz soar uma campainha por volta das 6 horas e passa pelas alas despertando os albergados para o café, que é servido até às 7 horas e consiste em café com leite, pão e manteiga, às vezes sanduíches. Depois disso todos devem deixar o albergue, sendo proibida a permanência no local durante o dia.

O Instituto Espírita Dias da Cruz se mantém através de doativos particulares — em roupas, dinheiro ou alimentos — com a ajuda de firmas, com a contribuição dos sócios através de carnês e pela renda obtida em promoções como "feijoadas", chás-bazar e jantares. Há, ainda, uma pequena subvenção do Estado.

• Marina Pessin



General Mezofante: a pessoa só pode ficar uma noite no abrigo

Fliperamas: nem críticas param expansão

Enquanto cinemas e teatros de Porto Alegre se queixam da falta de público que os ameaça de fechamento, existe um ramo de casas de diversão que parece alheio a este problema: os fliperamas. Espalhados por toda a cidade, funcionando de manhã à noite, inclusive em domingos e feriados, eles atraem diariamente um grande número de pessoas, geralmente jovens, ansiosas por um pouco de diversão.

Localizar um fliperama não é difícil. Quase todos possuem anúncios luminosos com nomes bastante claros: FlipperShow, FlipperHouse, Playtime. No seu interior, praticamente todo o espaço é ocupado por mesas de jogos eletrônicos barulhentos e cheios de luzes. No pouco espaço livre que existe, aficionados, curiosos e simples assistentes disputam um lugar junto às máquinas, que apresentam grandes nomes em inglês: Junior King, Haunted Hotel, Galactica.

Para jogar, basta comprar uma ficha na caixa e introduzi-la em uma das máquinas. Cada ficha custa Cr\$ 100,00. O tempo de duração de cada ficha depende do tipo de jogo e, principalmente, do jogador. Um principiante jamais consegue fazer sua ficha durar mais que o mínimo estipulado para cada jogo.

"O preço da ficha é caro demais para tão pouco tempo". Esta é a opinião de Paulo Pacheco, office-boy há dois anos e que frequenta diariamente fliperamas. Para ele, a ficha deveria custar metade do preço, pois quase nunca consegue jogar mais de um minuto. É a mesma impressão de Jorge Schmidt, estudante de 2º Grau e frequentador diário: "Para jogar seguidamente tem que ser bom, senão se perde muito dinheiro". Mas, apesar do preço, não pensa em desistir. E explica: "Não tem outro lugar para a gente se divertir no Centro".

FECHAMENTO

Apesar da falta de outras opções, Jorge se manifesta a favor do fechamento dos fliperamas, por considerar que muitas pessoas acabam

se viciando e gastando mais do que deveriam. Este comentário foi reforçado por Paulo, que acrescentou: "Muita gente deixa de ir à aula ou ao serviço para ficar jogando".

Mas, esta não é a mesma opinião de Sergio Luizzi, gerente do FlipperShow da Dr. Flores. Ele afirmou que os estudantes vão ao seu estabelecimento no horário de intervalos e que depois voltam às aulas. Afirmou ainda que, se as pessoas não perderem seu dinheiro em fliperamas, encontrarão outras coisas em que gastá-lo".

Acrescentou, ainda, que é "absurdo" querer fechar os fliperamas alegando que marginalizam os jovens. "Tem até gerente de banco jogando", afirmou. Embora reconhecendo a frequência de marginais, disse que estas pessoas já estão marginalizadas e que não são os fliperamas os responsáveis por isto.

Sobre a presença de menores após as 10h, Paulo e Jorge disseram que "é só o que dá". Já Sergio, assegura que proíbe expressamente a entrada de menores após este horário e que menor de 14 anos só entra com um responsável. Mas, admitiu que não pede apresentação da Carteira de Identidade para ninguém.

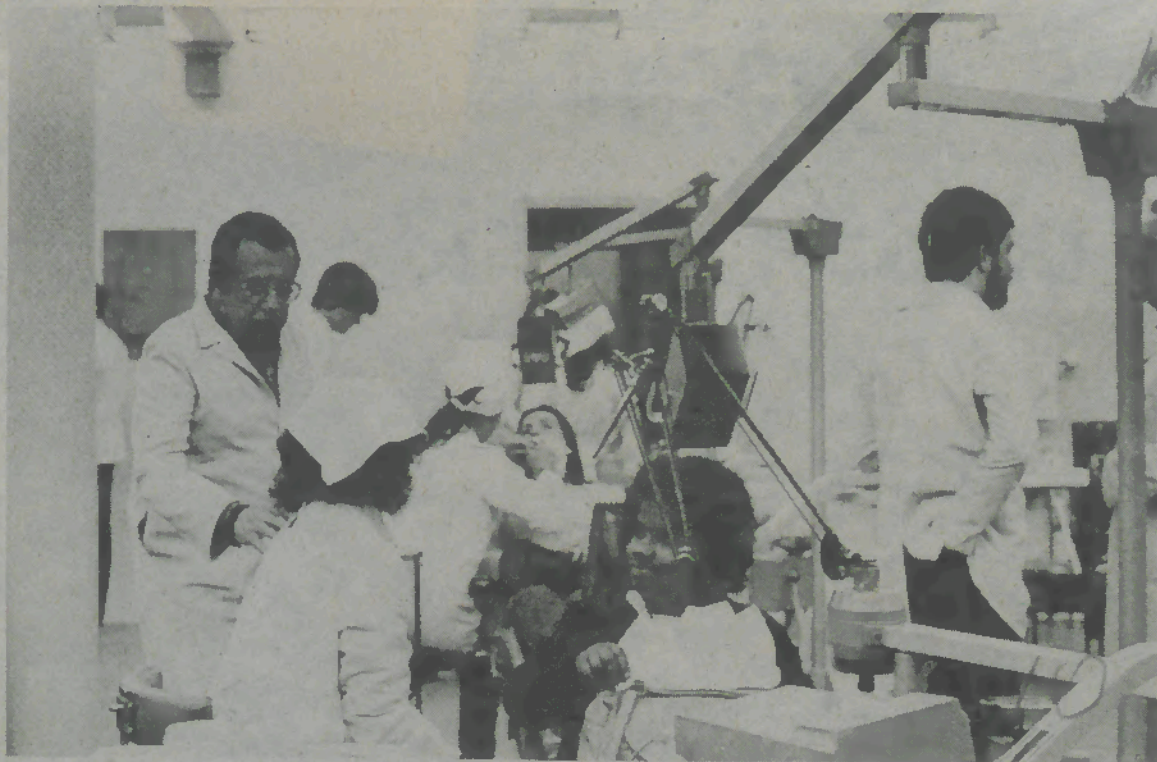
Com relação a consumo de tóxicos, todos foram unânimes em afirmar que os fliperamas não são causadores de vício. Luiz, foi até mais longe, afirmando: "Qualquer um que quiser fumar maconha aqui, vai ser posto para fora". Ameaças à parte, reconheceu que alguns estabelecimentos podem estar sendo usados por traficantes de drogas. Jorge, por sua vez, declarou que nunca foi "cantado" por ninguém dentro de fliperamas, mas que amigos seus já enfrentaram este problema.

Perguntado sobre uma possível queda no movimento devido à campanha que algumas autoridades estão fazendo contra os fliperamas, Sergio respondeu negativamente. E acrescentou: "Os fliperamas vieram para ficar, não adianta lutar contra eles".

• Cláudio Monteiro



Alheios à crítica, jovens querem mesmo é jogar



Prática ajuda aluno e favorece pacientes

Denise Cêgo

Assistência dentária da Odonto ajuda povo e alunos

Toda a comunidade é favorecida com o serviço barato prestado pelos alunos na Odonto da UFRGS.

A Faculdade de Odontologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como outras do País, associa a prática à teoria. A partir do 3º semestre, os estudantes já começam a aplicar seus conhecimentos em pacientes de verdade nos grandes consultórios montados no prédio da Faculdade. Necessário para eles, o serviço também beneficia a comunidade em geral, pois o atendimento é igual ao de dentistas profissionais, só que mediante pagamentos simbólicos, variáveis conforme os rendimentos mensais do paciente. Estas taxas variam de Cr\$ 100,00, para quem ganha menos de um salário mínimo, até Cr\$ 600,00, para quem ganha mais de três salários mínimos mensais. Mas há casos de isenções de pagamentos no tratamento clínico, quando os rendimentos são muito baixos.

"O serviço de atendimento à comunidade existe desde que a Faculdade foi criada, quando funcionava no porão da Medicina", explica a coordenadora do Serviço de Triagem, Tamar Rahal Rebelo. Ela diz ainda que, na Comissão de Carreira, existe a preocupação de fazer com que o aluno aplique o que aprende na sala de aula, por isso há disciplinas ministradas e avaliadas em salas de aula e outras aplicadas nos imensos consultórios — no de restauração cabem 40 pacientes — com assistência direta dos professores de cada disciplina.

Segundo Tamar, é muito fácil fazer todo o tratamento dentário na Odonto, onde são oferecidos serviços clínicos, cirúrgicos e protéticos (dentadura), para todas as idades. A coordenadora do Serviço de Triagem alerta que nem todas as disciplinas são oferecidas em todos os semestres, o que limita um pouco a prestação de serviços. "Os interessados devem procurar o atendimento somente na primeira semana letiva de março ou agosto, quando abrem as vagas e iniciam todos os tratamentos. Nos meses de férias não há trabalhos".

Para receber atendimento, os interessados devem dirigir-se à Faculdade de Odontologia, na Rua Ramiro Barcelos, com um comprovante de renda. No Serviço de Triagem, atendem dois profissionais que examinam e anotam os problemas dentários dos pacientes. Em caso de urgência, haverá pronto atendimento. Caso contrário, o paciente é fichado e encaminhado às disciplinas.

• Rubens Lunge

• Roselaine Wandscheer

Prefeitura também forma enfermeiros

Presença constante dentro de um hospital, indo e vindo pelos corredores, o pessoal de enfermagem realiza 70 por cento das atividades ali desenvolvidas. O papel desempenhado por estes profissionais adquire uma grande importância, na medida em que convivem mais tempo com o paciente. O enfermeiro, formado pela Universidade; o técnico, de curso médio e o auxiliar de enfermagem constituem as três categorias desta área de trabalho.

"Nossos hospitais funcionam mais à base de auxiliares de enfermagem", declara Catarina Pillar Nunes, diretora da Escola de Auxiliar de Enfermagem da Prefeitura, que funciona ao lado do Hospital Municipal de Pronto Socorro. Ela diz que os hospitais, em especial do interior, não tem infra-estrutura para contratar enfermeiros e técnicos, ficando o trabalho que realizariam a cargo do auxiliar. O resultado é um dos maiores problemas da área de enfermagem, a confusão entre as três categorias, com pessoas realizando atividades às quais não foram capacitadas. Catarina fala, ainda, que se referindo especialmente ao auxiliar, muitas vezes seu trabalho é realizado por atendentes, com um salário mais baixo. "Eles têm apenas um treinamento e não podem dar medicação, mas fazem isso, marginalizando o auxiliar de enfermagem". O Conselho de Enfermagem não tem condições de fiscalizar estas irregularidades, que resultam sempre na má remuneração de todos os profissionais.

A ESCOLA

Em Porto Alegre existem seis escolas de auxiliar de enfermagem, entre elas a da Prefeitura, diretamente ligada à Secretaria da Saúde e Serviço Social do Município. Foi criada em 1954, a partir da iniciativa de algumas religiosas do Pronto Socorro, devido à necessidade de gente preparada para dar assistência de enfermagem. Ela é uma das mais antigas da região sul. "As escolas novas buscam se basear no

modelo de funcionamento da nossa", informa a diretora. Os cursos são gratuitos, em regime intensivo de um ano. As 80 vagas oferecidas são bastante disputadas, pois este é um mercado de trabalho que oferece boas possibilidades de colocação. Segundo Catarina, grande parte das pessoas que procuram o curso já trabalham em hospitais como atendentes, e buscam uma formação mais plena, chegando, mais tarde, até a um curso superior.

A FORMAÇÃO

Há uma preocupação muito grande com a formação do auxiliar de enfermagem, ressalta Catarina, "pois as informações dele, anotadas no prontuário do paciente, é que vão dizer ao médico a evolução do doente, permitindo que sejam acompanhados os efeitos da medicação". Na Escola são dadas disciplinas de acordo com a Resolução 140, do Conselho Estadual de Educação, abrangendo a área médico-cirúrgica, materno-infantil, além da disciplina de Ética. O curso é, em grande parte, prático, com aulas no Hospital Santo Antonio e Santa Casa e estágio no Pronto Socorro. "Como ele vai tratar com um ser humano necessitado, doente, é preciso que saiba trabalhar com esta realidade, alerta a diretora Catarina, enfermeira que dá as aulas de Ética. O aspecto sigilo também é muito importante, pois o auxiliar trata com as pessoas num nível muito íntimo de relacionamento, ele deve estar bem consciente disso, prossegue ela.

O outro papel importante que cabe a este profissional desempenhar é o de multiplicador da idéia de valorização da saúde. No Brasil ainda se faz medicina curativa e não preventiva, é importante por isso, despertar nas pessoas a necessidade de um alerta. Na Escola de Auxiliar de Enfermagem da Prefeitura este princípio é levado em consideração e muito divulgado entre os estudantes, durante o curso.

• Fatimarlei Lunardelli

Aprendizagem pelo computador, a nova realidade da criança

O computador está saindo das empresas, onde exerce o papel de acumulador de informações, e entrando na escola como um auxiliar, ou até mesmo substituto do professor. Segundo Suelena Porto, professora do Centro de Processamento de Dados da UFRGS, o homem nunca será totalmente substituído pela máquina, uma vez que ele é o criador e, portanto, insubstituível.

Trabalhando há dez anos no ramo da Informática, o Representante Técnico da Computchê, José Walter Lima Umpierrez disse que uma grande desvantagem que a criança que aprende com computadores a linguagem e resoluções de problemas, é o pouco contato que ela tem com outras crianças e professores: "E isto pode gerar um problema muito sério, não só para a criança, mas para toda a sociedade".

Suelena concorda com José Walter, mas acredita que "a criança nunca estará sozinha; primeiro porque na fase do aprendizado é imprescindível um orientador e, em segundo lugar, depois de ultrapassada esta fase, o seu comportamento já estará bastante desenvolvido e já saberá para o que serve a comunidade e como ela lhe é útil".

A Computchê programou um curso especial para crianças, do qual José Walter foi o organizador e, segundo ele, cerca de 70% delas conseguiram atingir os objetivos propostos. "O principal dentre eles era ver de que modo a criança reage diante de uma máquina tão mistificada pela sociedade. A outra foi tentar ensinar-lhes algo no sentido de as introduzir no mundo da informática".

A turma, de 15 alunos, que frequentou o curso de duas semanas encontrou apenas um obstáculo: a inibição de um dos participantes diante dos outros colegas. E este aluno foi Messias de Andrade que, no terceiro dia de aula já estava disposto a abandonar tudo. "Lá estava bom, mas tinha gente que eu não conhecia", disse ele.

O problema de Messias foi resolvido com um pouco de Psicologia e paciência dos professores, que chegaram a ir buscá-lo em casa, para que continuasse o curso.

A LINGUAGEM

Para Suelena Porto, o modo como as crianças falam e vêem as coisas que as cercam é muito importante para o aprendizado da técnica de manipular um computador. Segundo ela, "a lógica é ensinada à criança por meio de palavras do cotidiano", as-

sim, a primeira aula é um relato de como elas fazem para ir da cama até o banheiro, por exemplo".

A linguagem usada nas aulas da professora Suelena é a LOGO. Ela consiste, basicamente, em movimentar coisas na tela de um terminal eletrônico. Desse modo as crianças treinam o seu raciocínio lógico ao mesmo tempo em que brincam. Como exemplo desta linguagem ela citou um quebra-cabeça, onde uma tartaruga está fora de sua casa e é preciso que a criança ajude-a a chegar até ela.

Já a Computchê, em seu curso, usou uma linguagem diferente: a BASIC. "Isto porque o BASIC tem muitas propriedades, além daquela que a LOGO tem. O BASIC não se limita a jogos, com ela pode-se muito bem montar problemas matemáticos, fazer-se orçamentos, etc. Mas também acredito que não se tenha usado a LOGO por desconhecimento de sua técnica, que é mais didática".

Outro problema que aparece quando do aprendizado do uso do computador, e este diz respeito também aos adultos, é a forma. "Até hoje só se fala com uma máquina em inglês: Os comandos para se retirar ou introduzir dados são feitos em língua inglesa. E isto é um passo a mais para a criança. Ela tem de vir, então, alfabetizada e sabendo pelo menos noções básicas da língua inglesa", quem diz isto é Suelena, no que concorda José Walter, que não vê uma solução a curto prazo, neste sentido.

OS TIPOS DE COMPUTADORES

Os tipos de computadores utilizados pela Computchê em seu curso foram os TK-82 e TK-85, que são de bolso, chamados de uso individual. Eles têm duas características especiais, que diferem dos micro-computadores, utilizados pela professora Suelena: são digitais e usam fita cassete.

"A vantagem de se usar micro consiste no uso da impressora gráfica, onde os erros são impressos em uma folha contínua e é ali que se pode verificar com maior tempo e maior cuidado tudo o que se fez", diz Suelena Porto.

Para José Walter, o sistema escolar brasileiro não necessita da informática neste momento, "a fome do povo está em primeiro plano"; no que discorda Suelena. Para ela é de extrema importância que o país acompanhe o desenvolvimento tecnológico, "ou corremos o risco de ficarmos sempre no mesmo lugar".

Crise e governo apertam classe média



O perfil do consumidor brasileiro está sofrendo alterações, pois cada vez mais ele está limitando seus gastos, devido à desenfreada alta nos preços de diversos produtos, muitos deles essenciais à alimentação. A classe média, grande responsável pelos níveis de consumo que geram investimentos e, conseqüentemente mais empregos, atualmente encontra-se em marcha de transferência de renda, isto é, em processo de empobrecimento. Ela revê sua postura, muda de hábitos, pensa melhor ao aplicar seus recursos, deixando de comprar os produtos supérfluos.

Essa mudança se deve à política econômica adotada pelo Governo, na qual os salários não acompanham o custo dos produtos, causando perda do poder aquisitivo. A partir de 1973, a inflação passou a crescer acompanhada por um problema, a correção monetária em cima do preço do produto. De 1980 em diante, a situação agravou-se com a liberdade de preços, fazendo com que hoje o Governo não tenha controle do valor ou da qualidade do produto.

MUDANÇA

Por classe média entende-se uma faixa da população com salário familiar variando de Cr\$ 150 mil à 750 mil cruzeiros, valor que os próprios economistas acreditam defasado. O valor real deveria girar em torno de Cr\$ 1 milhão e 100 mil cruzeiros.

"Em cerca de cinco anos descobrimos que não dava para fazer a metade do que a gente fazia antes. Agora procuro controlar tudo, até na comida. É uma barra, a classe média está pobre", desabafa a dona-de-casa Ana Maria Pires. Para o gerente do super-mercado Zaffari do Bom Fim, Elton Fontanela, embora não tenha notado queda nas vendas em geral, os produtos importados foram os que mais sofreram com a recessão econômica. A economista Ieda Crusius destaca: "Você mostra ser burro quando compra uma garrafa de uísque estrangeiro com três ou quatro dias de trabalho. Antigamente era status mas hoje é um contra-status e, a classe média sabe disso". Acrescenta ainda que essa faixa da população passa a enxergar como mais importante, por exemplo, a educação, mesmo que essa esteja roubando uma fatia cada vez maior do salário que já vem comido pela inflação. "Lembro do tempo em que recebia os amigos com uísque estrangeiro. Faz tempo, não é? Agora é caipirinha. Valorização do produto nacional", ressalta com ironia o engenheiro Luiz Ignácio Pires.

QUALIDADE

Com a inflação crescendo tipo bola de neve, as empresas tentam se proteger diminuindo a qualidade dos produtos. Acostumada com produtos de alta qualidade, a classe média não aceita mais (ou demora para aceitar) o mesmo produto reduzido a uma condição inferior. Revê seus hábitos de consumo dentro de casa, revê sua postura enquanto classe média que desperdiça o seu salário e, reage não querendo mais comprar produtos de má qualidade.

"Todo cuidado é pouco, os produtos estão caros e não duram quase nada", afirma a dentista Amélia Carneultte. A dona-de-casa Luiza Kavinsky concorda

Pressionado pela crise econômica que afetou seu padrão de vida e hábitos de consumo, a classe média sofre mais um golpe com o novo decreto salarial baixado pelo governo

Preços aumentaram antes do congelamento

Só neste ano, o consumidor gaúcho já teve que suportar 133,11% de acréscimo na compra de produtos básicos. Em setembro, o índice de preços ao consumidor foi de 12,65%, mantendo a tendência dos aumentos de julho, 13,26%, e de agosto, 12,53%. Estes índices são uma estimativa da perda do poder de compra do consumidor que hoje precisa desembolsar mais de Cr\$ 100 mil para a alimentação básica.

No levantamento de preços realizado pelo Centro de Estudos e Pesquisas Econômicas - IEPE - da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, os aumentos mais importantes no custo do consumidor na segunda quinzena de setembro foram os seguintes: carne bovina (Cr\$ 6.992,88); pão francês (Cr\$ 1.323,00); leite natural (Cr\$ 765,00); óleo de soja (Cr\$ 412,48); carne de galinha (Cr\$ 409,50); banha (Cr\$ 286,44); banana (Cr\$ 216,67); arroz (Cr\$ 175,52); margarina (Cr\$ 152,76); farinha de trigo (Cr\$ 153,24); linguiça (Cr\$ 118,02);

ovos (Cr\$ 110,55) e batata inglesa (Cr\$ 100,55).

Pedro Zaffari, presidente da Associação Gaúcha de Supermercados - AGAS -, garantiu que os novos preços, divulgados no início deste mês, estão congelados até o dia seis de novembro. "Estes preços resultam de uma média dos preços de setembro e dos que seriam praticados em outubro, levando-se em conta que há empresas de diversos portes", argumenta Pedro Zaffari.

O consumidor entretanto, não gostou muito das novas medidas pois produtos essenciais como a carne, o óleo de soja, o açúcar e o feijão não tiveram os seus preços congelados. Segundo Renato Móttola, presidente da Associação de Proteção ao Consumidor - APC - "a nova lista não passa de um engodo, pois itens de primeira necessidade não tiveram sequer seus preços tocados, e já era previsível, pois tanto a carne como o óleo de soja geram divisas em dólares para o país".

Salário menor e tributo maior para atender FMI

decreto salarial baixado pelo governo,

faixas de salário.

Além da questão salarial, o "decretão" também dispõe sobre os reajustes das prestações da casa própria, dos aluguéis e entra na área do Imposto de Renda e de ganhos de capital.

Como o Congresso entra em recesso nos primeiros dias de dezembro, provavelmente só poderá apreciar o novo decreto a partir de março do próximo ano. Até lá continuarão em vigência os 46 artigos do 2.064 que, caso não seja derrubado pelo Congresso - intimado pelo Governo com a decretação de medidas de emergência no Distrito Federal por 60 dias até 17 de dezembro -, acaba definitivamente com a classe média brasileira. E aprofunda a recessão que já dura três anos, colocando em risco toda a estrutura industrial do país.

• Elisabete Tubino

e acrescenta: "O pessoal não vê que não adianta encher a geladeira para deixar estragando. Hoje a palavra de ordem é economia". Fontanela acha que o pessoal continua levando o melhor, cada um quer ter o melhor mesmo com preço alto.

PROTEÇÃO

Numa sociedade de consumo onde existem três segmentos bem determinados, os produtores, os repartidores e os consumidores, justamente os consumidores eram os que estavam mais abandonados e sofrendo as maiores pressões. A maior delas através da propaganda, que com sua influência psicológica criou hábitos muitas vezes, acima das possibilidades aquisitivas do consumidor. Com a crise entidades que procuram contrabalançar essas relações, como a Associação de Proteção ao Consumidor, passaram a ser cada vez mais valorizadas. Para o presidente da APC, Renato Móttola, a entidade pelos serviços que presta deveria se chamar Associação de Relações de Consumo.

CONSCIENTIZAÇÃO

Os problemas gerados pela inflação, embora graves atuam como um processo educativo. Nota a economista Ieda Crusius: "Esta conscientização da classe média mudará os hábitos de consumo e mudará o tipo de produção feita no país, porque a história mostra que o fato econômico chega antes".

Luiza Kavinsky concorda: "A publicidade inventa cada coisa que não precisa. Quem precisa de pinho-sol se existe clo-rofila? Acho que para uma compra de valor a gente tem de ver o preço em vários lugares, comparar". Luiz Ignácio conta que quando casou, pensava que a vida iria melhorar. "O aumento do salário não dá para fazer nada de diferente e se a gente for fazer uma comparação entre aquilo que comprava há três anos e o que compra agora, vai ver que o poder aquisitivo baixou muito. É Imposto de Renda, BNH, INPS. Não sei se o pessoal está mais consciente, mas tenho notado mais pessoas reclamando". Para Fontanela, não tem havido muitas queixas ultimamente. "Está bem calmo, acho que o pessoal está se conformando, o que é melhor - o que a gente vai querer, uma revolução? Pior não é?".

A situação da economia brasileira intensificou as buscas por alternativas que possam amenizar o dia-a-dia. "Em São Paulo, por exemplo, uma forma encontrada foi a produção do próprio alimento, a busca do alimento *in natura*. A classe média é aquela que apresenta maiores condições de mobilidade, de ação. Acha as soluções por si mesma, muda de natureza. É um bicho que muda de cor", diz a economista Ieda.

As donas-de-casa também reformulam suas mentalidades com soluções práticas. Para Luiza Kavinsky, a pessoa deve ser organizada, criar um estoque, controlar a despesa através de um orçamento doméstico. "Sempre que vou para o mercado faço uma lista de compras para evitar a tentação", afirma Ana Maria Pires. Aproveitando essa conscientização que se forma, Móttola apresenta uma sugestão: "Gostaria que aumentassem o número de associações, cada bairro deveria ter uma".

• Jorge Stehmann